

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

AMANDA MARQUES DURANT

**EDUCAÇÃO EM SAÚDE: QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

PORTO ALEGRE

2015

AMANDA MARQUES DURANT

**EDUCAÇÃO EM SAÚDE: QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Enfermeiro, da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul – Escola de Enfermagem.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Silvana Maria Zarth

PORTO ALEGRE

2015

AMANDA MARQUES DURANT

**EDUCAÇÃO EM SAÚDE: QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Enfermeiro, da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul – Escola de Enfermagem.

Aprovado em ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Silvana Maria Zarth

Prof^ª Dr^ª Erica Rosalba Mallmann Duarte

Prof^ª Dr^ª Nair Regina Ritter Ribeiro

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.

(Fernando Pessoa)

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

QUADROS:

| | |
|--|----|
| Quadro1- Organização dos descritores Bases de Dados LILACS e SCIELO | 22 |
| Quadro 2- Organização das principais informações extraídas da amostra obtida | 28 |
| Quadro 3 – Organização dos conceitos de sexualidade e gênero na amostra | 43 |

GRÁFICOS:

| | |
|--|----|
| Gráfico 1- Pesquisa dos descritores nas bases de dados LILACS e SCIELO | 23 |
| Gráfico 2- Cruzamento de dois descritores na bases LILACS e SCIELO | 24 |
| Gráfico 3 - Cruzamento de três descritores nas bases de dados LILACS e SCIELO | 24 |
| Gráfico 4- Distribuição das autoras por área de atuação profissional | 48 |

RESUMO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura de caráter qualitativo. Objetivou-se com o presente estudo analisar as evidências científicas disponíveis referentes às questões de gênero e sexualidade na prática da educação em saúde, voltada á educação infantil, no período de 2005 a 2015. Os dados foram coletados, nos meses de maio e junho de 2015 a partir das bases de dados LILACS e SCIELO, utilizando-se os descritores sexualidade, identidade de gênero, educação infantil e educação em saúde. Foram selecionados sete artigos que atingiram todos os critérios de inclusão desta pesquisa. Após leitura rigorosa de cada um deles, constatou-se que funções e atribuições diferenciadas são repassadas a meninos e meninas no meio familiar; atitudes e comportamentos esperados para cada um dos sexos marcam o modo de serem vistos em cada sociedade. A escola participa, de forma ativa na introjeção, pelos escolares, de atitudes dicotômicas aceitáveis e entendidas como pertencentes às meninas ou aos meninos. Evidenciou-se, de modo velado ou não, estereótipos de gênero, heteronormativos, imbuídos de valores diferentes aos sexos assumidos como verdadeiros, e, de uma sexualidade caracterizada pelo padrão da heterossexualidade, marcada por normas e regras de comportamentos.

Descritores: Sexualidade, Identidade de gênero, Educação em Saúde e Educação Infantil.

RESUMEN

Se trata de una revisión integradora de la literatura cualitativa. El objetivo de este estudio es analizar la evidencia científica disponible sobre cuestiones de género y sexualidad en la práctica de la educación sanitaria, la educación orientada a la voluntad de la primera infancia, de 2005 a 2015. Los datos fueron recolectados en los meses de mayo y junio 2015 de las bases de datos LILACS y SciELO, utilizando los descriptores sexualidad, identidad de género, educación de los niños y educación sanitaria. Hemos seleccionado siete artículos que cumplieron con todos los criterios de inclusión de esta investigación. Después de la lectura rigurosa de cada uno de ellos, se encontró que diferentes funciones y atribuciones se transmiten a los niños y niñas en la familia; actitudes y comportamientos esperados para cada uno de los sexos marcan el camino para ser visto en todas las sociedades. La escuela participa activamente en la introyección, por los escolares, de actitudes dicotómicos aceptables y percibido como perteneciente a las chicas o los chicos. Apareció, velada o no, que los estereotipos de género, heteronormativas, imbuidos de valores diferentes a los sexos supone lo que es cierto, y de una sexualidad que se caracteriza por la norma de la heterosexualidad, marcado por las normas y reglas de conducta.

Palabras Clave: sexualidade, identidad de género, educación de los niños, educación sanitaria.

ABSTRACT

This is a qualitative integrative review of literature. The objective of this study is to analyze the scientific evidence available relating to issues of gender and sexuality in the practice of health education, early childhood education oriented, between 2005 to 2015. Data was collected in the months of May and June 2015 from the LILACS and SciELO databases, using the descriptors sexuality, gender identity, children's education and health education. Seven articles were selected that met all the inclusion criteria of this research. After rigorous reading of each of them, it was found that different functions and powers are passed on to boys and girls in the family; attitudes and behaviors expected for each of the sexes mark the way to be seen in every society. The school participates actively in the introjection, by the students, of acceptable dichotomous attitudes that are perceived as belonging to girls or boys. It showed up, veiled or not, heteronormative gender stereotypes imbued with different values to the sexes assumed to be true, and in a sexuality characterized by the standard of heterosexuality, marked by norms and behavior rules.

Keywords: sexuality, gender identity, children's education and health education.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS | 5 |
| RESUMO | 6 |
| RESUMEN | 7 |
| ABSTRACT | 8 |
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 Corpos e sexualidade na infância | 12 |
| 1.2 Questões de gênero na infância | 15 |
| 1.3 Corpos, gêneros e sexualidade na Educação Infantil | 16 |
| 1.4 Corpos, gêneros e sexualidade na infância – A atuação dos enfermeiros. | 18 |
| 2. OBJETIVO | 20 |
| 3. METODOLOGIA | 21 |
| 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 28 |
| 4.1 DISCUSSÕES DOS ARTIGOS | 31 |
| 4.1.1 A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em creches | 31 |
| 4.1.2 Corpo e movimento: Reproduzindo diferenças na educação infantil | 33 |
| 4.1.3 As (des) construções de gênero e sexualidade no recreio escolar | 35 |
| 4.1.4 Gênero, corpo e sexualidade: Negociações nas brincadeiras no pátio escolar | 36 |
| 4.1.5 Integração: saúde e educação: contribuições da psicologia para a formação de educadores de uma creche em sexualidade infantil | 37 |
| 4.1.6 Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância | 38 |
| 4.1.7 Brincadeiras de meninos e de meninas: socialização, sexualidade e gênero entre criança e a construção social das diferenças | 40 |
| 4.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS | 42 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 50 |
| REFERÊNCIAS | 52 |
| APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados da amostra | 56 |

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade é a expressão do indivíduo no mundo, e deve ser entendida na totalidade dos seus sentidos, sem que seu conceito alicerce-se a palavra sexo. Neste estudo, busca-se no sentido mais amplo, falar sobre sexualidade e gênero na infância. Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), “a sexualidade humana é parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo” (OMS, 2012). A sexualidade pode ser definida, em poucas palavras, como a forma que o indivíduo se vê e se porta no mundo. Este conceito está presente desde a maneira como nos vestimos e falamos até o modo que sentimos prazer.

O primeiro teórico a falar sobre a sexualidade infantil foi Sigmund Freud, que em seus três ensaios sobre sexualidade infantil revolucionou os saberes de sua época. Em seus estudos, o fundador da psicanálise expõe que desde seu nascimento, o indivíduo é dotado de afeto, desejo e conflitos, diz que:

[...] Não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de sexual. Talvez a única definição acertada fosse tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos. [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. [...] Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo (FREUD, 2006, p. 309).

Freud em seus trabalhos revolucionou a maneira de pensar e lidar com a sexualidade na infância, pois até o século XX, as crianças eram vistas como seres assexuados, e a sexualidade, acreditava-se que surgia com o período da puberdade.

Ao fracionar o desenvolvimento de um indivíduo de acordo com seus prazeres e reconhecimento do próprio corpo, Freud revoluciona o campo da sexualidade infantil e aponta que:

[...] a energia afetiva original que sofrerá progressivas organizações durante o desenvolvimento, cada uma das quais suportadas por uma organização da libido, apoiada numa zona erógena corporal, caracterizará uma fase de desenvolvimento (FIORI, 1981, p. 33).

Salienta-se que este pensamento ainda embasado no biológico do desenvolvimento humano é aprofundado e fundamentado por pesquisas inerentes à temática. A sexualidade começa a passar de um significado singular, na maior parte da literatura, para um significado mais amplo. Torna-se imprescindível na atualidade trabalhar com o tema sexualidade na infância, e perceber a importância da inserção desta temática dentro da Educação Infantil. Enfocando a educação sexual que começa ainda quando o indivíduo é muito pequeno. Conforme Suplicy (1990), o processo de educação sexual, ocorre durante toda a vida, desde o nascimento do indivíduo, e deste processo fazem parte todas as pessoas que convivem com a criança: pais, parentes, professores, cuidadores, amigos, enfim todos que o rodeiam.

A discussão sobre a inclusão da sexualidade no currículo escolar vem ocorrendo desde o início do século XX, pela influência das concepções médico-higienistas do século XIX. Naquela época, apareceram as primeiras ideias sobre educação sexual, as quais objetivavam o combate à masturbação e às doenças venéreas, como também o preparo da mulher para ser esposa e mãe (BONATO, 1999; GUIMARÃES, 1995; SAYÃO, 1997).

Felizmente, estas ideias já deixaram de ser difundidas, e passamos a viver em uma era em que os indivíduos reconhecem seus direitos a cerca de seus corpos e gozam da oportunidade de serem únicos.

Conhecer a sexualidade não significa aprender apenas a estrutura do aparelho reprodutor masculino e feminino. Educação sexual centrada na genitalidade advém de uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; assim procedendo, se anestesia do resto do corpo (CAMARGO; RIBEIRO, 1999).

O olhar para uma educação sexual menos focada no biológico é alvo de muitos estudiosos no mundo moderno, pois se entende que a Escola de Educação Infantil precisa ser um espaço em que as crianças possam expressar sua sexualidade sem que haja repressões, ou conversas baseadas em tabus. O tema sexualidade deve ser tratado assim como os demais, e é dever do educador, enquanto mediador neste processo, proporcionar um ambiente favorável para a discussão e formação de opinião.

Assim como a discussão sobre sexualidade ganha espaço nas pesquisas científicas, a abordagem referente aos estereótipos de gênero é pauta de muitos trabalhos e investigações ainda na fase da infância.

A sociedade humana é mutável de acordo com o padrão da produção dos valores e normas sociais. Em quase todas as espécies animais temos a distinção do ser

masculino e o ser feminino. Não obstante, encontramos em nosso cotidiano frequentemente, questões de cultura de gênero. E, não é de hoje, que nossa sociedade define papéis para os homens e para as mulheres de modo bem delimitado; isso já acontecia no período neolítico. A herança cultural de gênero é transmitida linearmente através das gerações. Esta ideia torna-se evidente a partir de uma simples atitude, como por exemplo, quando uma mulher está grávida costumamos preparar um enxoval azul para meninos ou um enxoval cor de rosa para as meninas: “[] os indivíduos aprendem desde muito cedo – eu diria desde o útero – a ocupar e/ou a reconhecer seus lugares sociais” (MEYER, 2003. p. 13).

O conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultura e linguísticas implicadas com os processos que diferenciam homens e mulheres, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção dessas distinções – biológicas comportamentais ou psíquicas – percebidas entre homens e mulheres (SCOTT, 1995; LOURO, 1997; MEYER, 2000 p.13).

De fato, os estereótipos de gênero começam e se constroem a partir do momento em que é determinado o sexo de cada indivíduo e esta designação ofertada pela sociedade, determina a orientação de gênero, os valores e a formação cultural a ser seguida pela criança pelo resto de sua vida.

1.1 Corpos e sexualidade na infância

Mais do que corpos, trabalhamos com os sentimentos que por eles são transmitidos ou por eles são sentidos.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que adornam as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos. Enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas (GOELLNER, 2003, p.29).

Ao trabalharmos com corpos, devemos entender que cada corpo com o qual nos deparamos é único, dotado de saberes e culturas, ora refletidas em forma física.

O corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico da cada cultura, bem como suas

leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz (GOELLNER, 2003).

Trabalhar a temática de corpos com jovens e crianças trata-se de um desafio para os profissionais, já que somos provindos de ideais médico-higienistas, e comumente tratamos o corpo apenas como unidade funcional. Conceituar e contextualizar o corpo muito além de sua aparência física ou sua anatomia, esse sim é o grande desafio a ser superado dentro das instituições de ensino, sejam elas de adultos, jovens ou crianças.

A sexualidade de cada indivíduo começa muito antes do que conseguimos imaginar, a exemplo, quando um casal deseja ter um filho, a sexualidade mostra-se presente desde a experiência sexual para fecundar o embrião, passando pelo imaginário dos pais acerca do gênero desta criança e pelas construções afetivas destinadas a este futuro bebê.

No discurso biológico presente na escola, o corpo é concebido como pura anatomia, em que a sexualidade se reduz ao conhecimento das estruturas dos sistemas reprodutores masculino e feminino. Nesse discurso, a sexualidade é entendida como genitalidade- um atributo biológico- compartilhado por todos os seres humanos independentemente de sua história e cultura (RIBEIRO, 2008).

A sexualidade se faz presente em todo o desenvolvimento físico e psicológico dos indivíduos, manifestando-se desde o seu nascimento até o momento da sua morte. Assim sendo, a sexualidade vai além do ato sexual em si, pois se encontra marcada pela história, cultura e ciência, igualmente como os afetos e sentimentos de cada sujeito.

Abordar sexualidade e corpos dentro dos lares e das escolas sem que seus medos, temores ou preconceitos interfiram na transmissão e na recepção de informação, incentivar o indivíduo a viver e reconhecer sua sexualidade não é sinônimo de incentivar o ato sexual precoce trata-se de um desafio na missão de ensinar.

Para Ribeiro (2009), só informar não basta, é preciso apresentar atitudes positivas em relação ao sexo, para que as crianças possam perceber a sexualidade como algo positivo. Tratar sexualidade aquém do biológico, fazendo com que a criança perceba que a sexualidade é algo natural e está presente em todos nós.

Segundo Freud (1939), a teoria do inconsciente permitiu o entendimento da formação de traumas no indivíduo. Na investigação da origem dos traumas ele estudou a criança e descobriu que o início das neuroses está na repressão sexual sofrida pelos indivíduos ainda na fase da infância. Para além da psicanálise, viver a sua sexualidade

livre de preconceitos e rumores significa permitir que o indivíduo conheça a si mesmo, dos prazeres da carne até mesmo os prazeres espirituais e emocionais.

Para a sexóloga Suplicy (1983), é no lar que o ser humano deveria ter sua primeira educação sexual, uma criança falante e curiosa pode começar a mostrar interesse pelo sexo aos dois ou três anos, mesmo sem uso de palavra. A maioria o fará com quatro ou cinco anos de idade. Nesta fase o que a criança quer saber é muito pouco, não é preciso explicar detalhes, mas também não minta, não brigue, não desconverse, explique o básico na linguagem que ela puder entender. A educação sexual nas instituições deve ser pautada no diálogo sobre o tema abordado, por meio de professores capacitados para exercer a tarefa formativa e informativa, com objetivo de transmitir às crianças informações biológicas corretas sobre a sexualidade, ao mesmo tempo em que acentua ao conceito do sexo ligado nos aspectos do afeto e do prazer (SUPLICY, 1983).

Ao entendemos que a educação sexual, bem como a oportunidade de viver e conhecer seu corpo, sem temores ou repressões, não se trata de uma responsabilidade única atribuída à família, ao profissional da saúde ou a escola, percebemos que educar para a sexualidade é dever de todos os indivíduos que participam do desenvolvimento da criança.

Por sua vez, Muller (2013), defende a ideia que muito mais que na escola é na família que, depois do nascimento da criança, os pais são os principais exemplos, tornando-se os primeiros e fundamentais educadores sexuais de seus filhos. O ambiente familiar deve ser um lugar aberto, por mais complexa que seja a conversa, em específico sobre temas tão tabus como a sexualidade, é de grande importância que os filhos sintam-se encorajados a conversar sobre o tema, trazendo seus dilemas, dúvidas e expectativas. O ambiente familiar precisa ser o porto seguro da criança, para que a mesma tenha um local para recorrer sempre que necessário. Para Ribeiro (2009), é fundamental que a família proporcione um ambiente de discussão e de desenvolvimento, sendo capaz de iniciar conversas, trocas de experiências e de resolver conflitos sem violência.

Nesse contexto faz-se necessária que a discussão sobre sexualidade seja realizada de maneira condizente com cada realidade, com cada grupo e cada indivíduo e, seja oficialmente, de acesso a todos.

Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente, um desafio e uma necessidade. Um desafio porque rompe, de certa forma,

com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma necessidade porque ao desnaturalizá-lo revela, sobre tudo, que o corpo é histórico (GOELLNER, 2003, p. 28).

Para Chagas (1995), devem ser oferecidas oportunidades para a criança perguntar, manusear, observar, experimentar, satisfazer curiosidades e ser valorizada. A criança que percebe que sua curiosidade é boa reforça a certeza de que está tudo bem com ela, e, também, aprende a contar com os adultos para compartilhar dúvidas e sentimentos.

Assim, é dever da família, da escola e demais ambientes de convivência das crianças proporcionarem espaço para que o tema sexualidade seja tratado de forma natural, livre de preconceitos e tabus impostos pela sociedade.

1.2 Questões de gênero na infância

A temática de gênero está sendo frequentemente discutida na mídia atual, sempre atrelada a um embate por posicionamento ocupado dentro de um grupo ou sociedade.

A discussão sobre relações de gênero tem como objetivo combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e para mulheres e apontar para sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero (MEC/PNC, 1997, volume 10, p.144).

A palavra gênero nos remete a uma íntima discussão sobre o ser masculino e o ser feminino. Atribuições, formas de se viver e trabalhar sempre divididas entre homens e mulheres.

Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e, que também, nunca está finalizado ou completo (MEYER, 2003).

Torna-se importante ressaltar que não nascemos decididos e convencidos a viver por toda a vida realizando apenas as atividades que são propostas e oferecidas ao nosso padrão de gênero. É ao longo da vida que estes conceitos são submetidos e aceitos ou não por nós.

“Nós não nascemos mulheres, nós nos tornamos mulheres, o mesmo se pode dizer dos homens” (BEAUVOIR, 1980, p.9).

Muito cedo as crianças são expostas e submetidas a viver com tabus existentes pelo ser masculino e o ser feminino. Aprender o tipo de roupa que devem usar, como devem se comportar, com o que devem brincar, quais os desenhos “de guri” e quais os “de guria”. Estes são alguns dos muitos padrões impostos por nossa sociedade, mesmo que inconscientemente, ainda nos dias de hoje.

[...] à infância, são associadas, por tradição cultural, representações privilegiadas do masculino e do feminino. O universo do brinquedo feminino é, nesse aspecto, muito interessante por tratar-se daquele considerado como tal pela sociedade, [...] independentemente das brincadeiras efetivas mais abertas à diversidade: privilegia o espaço familiar da casa, em detrimento do externo, do universo do trabalho. [...] Portanto, manipular brinquedos remete, entre outras coisas, a manipular significações culturais numa determinada sociedade (BROUGERE, 2004,p.42).

Durante as brincadeiras as crianças expressam seus desejos, e interpretam seus anseios e medos. Também, é através das brincadeiras que as crianças revelam sua bagagem emocional e sua cultura de gênero impregnada por seus viveres desde o princípio da vida. Quando a criança se dá conta das diferenças entre meninos e meninas quer saber que diferenças são essas, porque elas existem. A criança está assim, buscando sua história, sua origem e ao mesmo tempo exercitando sua inteligência. Está se construindo como ser no mundo. E é exatamente neste momento que nos segregamos enquanto homens e mulheres.

1.3 Corpos, gêneros e sexualidade na Educação Infantil

A infância é algo que está em construção permanente, e por sua vez, sofre influencia das mais diversas culturas que a rodeiam. A criança, no último século, deixou de ser objeto apenas de cuidados maternos para ser objeto dos deveres públicos do governo.

A história da Educação Infantil no Brasil aponta para a criação e aceitação de crianças em instituições como creches ou parques infantis a partir do século XIX, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB de 1986, a educação infantil é reconhecida como etapa inicial da educação básica, e dessa forma passam a ser valorizadas a criança e a sua cultura, considerando-a ativa e capaz de construir o seu próprio conhecimento. A escola torna-se uma mediadora entre a criança e o mundo, e a

família coparticipante deste processo de ensino-aprendizagem. Os conteúdos das aulas são desenvolvidos de forma lúdica, respeitando-se sempre a bagagem cultural de cada indivíduo. Nesse contexto, a introdução das temáticas gênero e sexualidade torna-se uma necessidade eminente dentro da sala de aula.

Camargo e Ribeiro (1999) afirmam que não é fácil falar sobre sexualidade com as crianças, visto que o tema carrega em si preconceitos e tabus pelos/as profissionais da educação. Dessa forma, a escola e a família acabam evitando falar sobre esta temática com as crianças, ou até mesmo tratam-na de maneira inadequada munida de informações distorcidas e veladas.

Ao entrar para a escola, as diferenças referentes às construções culturais formadas a partir da vivência no ambiente familiar, são evidenciadas pelas formas como cada criança manipula seu corpo, expressa seus desejos e prazeres. Frequentemente, essas particularidades não são respeitadas na educação infantil e as experiências vividas em seus interiores, com colegas e educadores, deixam marcas permanentes.

Ao receberem uma formação que trata o corpo como algo vergonhoso, as crianças passam a ser não apenas portadoras, mas também propagadoras de um conjunto de princípios e opiniões calcados num pudor excessivo e inibidor de qualquer forma de expressão da sexualidade. São estipuladas normas, que não esclarecem, mas que se impõem por silêncios ou por atos punitivos, as expressões mais naturais de sexualidade.

Braga (2010) salienta que as manifestações de gênero e sexuais são cogitadas na escola e por vez, em muitos momentos são trabalhadas de modo impróprios, ao que parece, isso ocorre porque os/as professores/as apresentam dificuldade em tratar dessa temática em seu cotidiano. Torna-se relevante a diferenciação existente entre os termos, sexo e gênero.

As crianças trazem para a escola situações inusitadas nos mais diversos campos de conhecimento; incluindo aqueles referentes à sexualidade, causando, nos educadores, sentimentos de desconhecimento e impotência no confronto e questionamento sobre esse tema. Desta maneira, os educadores tornam-se vulneráveis, sem orientação e preparo para enfrentar os desafios relativos à sexualidade das crianças que aparecem no dia a dia das instituições de Educação Infantil.

Muito já se avançou no discurso dessas temáticas dentro das salas de aula, contudo, para Braga e Spirito (2010), ainda é necessário o desenvolvimento de estudos nessa área, com a finalidade de se incluir algumas temáticas no currículo escolar, em especial voltadas aos debates a respeito de gênero e sexualidade.

É nosso dever enquanto profissionais, da saúde ou educação, transformar a escola de um espaço de opressão e repressão em relação a corpos, gênero e sexualidade, para um espaço efetivamente seguro, livre e educativo e que contribua para o crescimento saudável de todas as crianças.

1.4 Corpos, gêneros e sexualidade na infância – A atuação dos enfermeiros.

O Ministério da Saúde juntamente com o Ministério da Educação, em parceria com a UNESCO e a UNICEF implementaram o programa Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) com o objetivo de estimular as instituições de ensino a discutirem ações sobre a educação sexual em seus currículos com pais, professores e diretores sobre a melhor forma de transmitir informações de prevenção aos jovens. (BRASIL, 2006).

O SPE, hoje ampliado para o Programa Saúde na escola (PSE) tenta aproximar a unidade de saúde de referência com a comunidade escolar que a ela pertence. O objetivo do programa baseia-se na promoção, prevenção e atenção à saúde de jovens e adolescentes que frequentam a escola.

A escola é um lugar de curiosidades, sonhos, medos, ideias, aprendizagem, conquistas, descobertas etc., esta não pode excluir as manifestações da sexualidade e, sim criar um espaço de discussão aberta e livre sobre ela, deixando de lado os próprios preconceitos, permitindo que o aluno exponha suas dúvidas, conflitos e medos, pois neste meio se detêm os meios pedagógicos necessários para a intervenção sistemática sobre a sexualidade, de modo a proporcionar a formação de opiniões críticas sobre o assunto, aceitando, assim, a satisfação, os anseios dos alunos, propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico, explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade e na escola, possibilitando ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio escolhe (SANTOS, 2001. P.10).

A enfermagem e o profissional enfermeiro podem e devem atuar em diferentes áreas voltadas à saúde da população, seja ela em meio hospitalar, ou não. Atualmente tem se desenvolvido a temática sobre sexualidade nas escolas por meio de ações inclusas no Programa Saúde na Escola (PSE).

O ambiente escolar é propício e visto como um meio facilitador para que temáticas como a sexualidade sejam desenvolvidas de modo natural e pertinente ao cotidiano das crianças e dos adolescentes. É através de ações educativas efetivas de modo participativo que o profissional de enfermagem conquista seu público e trabalha com a prevenção, podendo contribuir para a melhoria na qualidade de vida da população.

Discutir a educação interdisciplinar e principalmente seu estreito laço com a área da saúde, em especial a enfermagem, pode evidenciar o amplo espaço de oportunidades que este profissional pode vivenciar no decorrer de sua profissão, através do trabalho com diferentes abordagens de orientação sexual, seus cuidados e melhoria na qualidade de vida junto à comunidade (AGUIAR, 2012).

Portanto, acredita-se na capacidade deste profissional para expor conhecimentos relativos a saúde na busca da construção de novos saberes para que transformem a realidade da saúde através de ação educativa (COSTA; PRADO, 2001).

Discutir essa temática nem sempre é fácil, muitas barreiras devem ser ultrapassadas, tanto por parte dos alunos, professores, diretores, pais e o próprio enfermeiro. Tabus, medos e anseios são postos a prova e cabe ao profissional da enfermagem saber lidar e coordenar a situação.

A orientação de enfermagem procura preencher lacunas às dificuldades que as crianças e jovens apresentam, proporcionando informações atualizadas do ponto de vista científico, dando-lhes a oportunidade de formarem opiniões do que lhes é apresentado, desenvolvendo atitudes coerentes com os valores que eles elegeram como seus, ampliando conhecimentos a respeito da sexualidade humana, combatendo tabus, preconceitos, abrindo espaços pra discussões de emoções e valores, elementos fundamentais para a formação de indivíduos responsáveis e conscientes de suas capacidades (BRASIL, 2006).

E assim atuando dentro do meio escolar é possível, para o enfermeiro, atingir um grande número de pessoas em menor tempo e com maior eficácia.

Apostar no trabalho com os jovens e crianças é sem dúvidas a melhor maneira de melhorar a qualidade de vida e saúde da população em geral.

2. OBJETIVO

Identificar as questões de gênero e sexualidade na prática da educação em saúde, voltada á educação infantil.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura, com caráter qualitativo. Uma Revisão Integrativa (RI) visa agrupar os dados obtidos em pesquisas sobre determinados assuntos com o objetivo de gerar uma síntese das informações encontradas, para que posteriormente se analisem esses dados e então se desenvolva uma explicação mais abrangente sobre determinada temática. RI, prevê um resumo crítico de trabalhos sobre o tema de interesse, procurando contextualizar o problema de pesquisa, bem como identificar falhas em estudos anteriores, justificando assim uma nova investigação.

A revisão da literatura é indispensável não somente para definir bem o problema, mas também para obter uma ideia precisa sobre o estado atual dos conhecimentos sobre um dado tema, as suas lacunas e a contribuição da investigação para o desenvolvimento do conhecimento.

O método para o desenvolvimento da presente RI compreende etapas como a identificação do tema e formulação da questão de pesquisa, elaboração dos critérios de inclusão e exclusão de artigos, construção de instrumento para coleta de dados relevantes dos artigos encontrados, avaliação e análise dos artigos selecionados na pesquisa, interpretação e discussão dos resultados obtidos e apresentação da revisão.

Segundo Whittemore e Knalf (2005), é um método de revisão específica que permite a inclusão de diversos delineamentos de pesquisa (experimentais, quase experimentais e não experimentais), que abrange a literatura teórica e empírica, a fim de produzir compreensão sobre um fenômeno ou problema específico, tendo o poder de figurar como um aliado prático com base em evidências.

Assim, a construção desta revisão foi baseada na proposta de Whittemore e Knalf (2005), e dividida em seis etapas: identificação do problema, seleção da amostra, definição das informações a serem extraídas dos trabalhos, análise das informações, interpretação dos dados e apresentação da revisão.

Para realização dessa pesquisa foram respeitados os aspectos éticos, onde será mantida a autenticidade das ideias, conceitos e definições dos autores pesquisados, sendo feitas as devidas referências e citações, conforme ditam as normas da ABNT. A presente revisão integrativa da literatura tem como questão norteadora: Como são desenvolvidas as questões de gênero e sexualidade na Educação Infantil? A partir de

uma análise crítica da produção científica atualizada pretende-se responder a esta questão.

A seleção da amostra partiu da definição dos descritores a serem utilizados nas buscas nas de bases de dados. Tais descritores foram selecionados a partir do DeCS - Descritores em Ciências da Saúde que é um vocabulário estruturado e trilingue (inglês, português e espanhol), desenvolvido pela BIREME, a partir do MeSH – Medical Subject Headings da U.S. National Library of Medicine para uso na indexação de artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos, e outros tipos de materiais, assim como para a pesquisa e recuperação de assuntos da literatura científica nas bases de dados LILACS e outras. Os descritores utilizados na presente pesquisa foram: sexualidade, identidade de gênero, educação infantil e educação em saúde. Para melhor definição e organização dos descritores foi utilizado o quadro abaixo:

| Sexualidade | Identidade de Gênero | Educação infantil | Educação em saúde |
|---|--|---|---|
| Descritor Inglês: Sexuality | Descritor Inglês: Gender Identity | Descritor Inglês: Child Rearing | Descritor Inglês: Health Education |
| Descritor Espanhol: Sexualidad | Descritor Espanhol: Identidad de Géne | Descritor Espanhol: Crianza del Niño | Descritor Espanhol: Educación en Salud |
| Definição Português: Funções sexuais, atividades, atitudes e orientações de um indivíduo. | Sinônimos Português: Papel de gênero, papel sexual, Gênero | Sinônimos Português: Criação da Criança Criação dos Filhos Cuidados Parentais. | Sinônimos Português: Educação Sanitária Educação para a Saúde Comunitária Educação para a Saúde Educação em Saúde Pública |
| | Definição Português: Conceito que uma pessoa tem de si mesma de ser macho e masculino ou fêmea e feminino, ou ambivalente, baseado em parte em características físicas, respostas dos pais e pressões psicológicas e sociais. É a experiência interior do papel do gênero. | Definição Português: O treinamento e a formação das crianças pelos pais ou por substitutos dos pais. Também é usado para práticas de educação infantil nas diferentes sociedades, em diferentes níveis econômicos, em diferentes grupos étnicos, etc. | Definição Português: A educação em saúde objetiva desenvolver nas pessoas um sentido de responsabilidade, como indivíduo, membro de uma família e de uma comunidade, para com a saúde, tanto individual como coletivamente. |

Quadro 1 – Organização dos descritores

Fonte: DeCS - <http://decs.bvs.br/> - 2015.

As bases para coleta de dados utilizadas foram a LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências que é uma base cooperativa do Sistema BIREME que compreende a literatura relativa às Ciências da Saúde, publicada nos países da região, a partir de 1982, e SCIELO - A Scientific Electronic Library Online que é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. O motivo principal pela escolha da pesquisa se realizar nessas bases de dados é o fato de possuírem publicações nacionais e em português. Como critérios de inclusão estabeleceram-se: artigos publicados em português, com resumo disponível na base de dados, com texto completo disponível online de forma gratuita que verssem sobre as questões de gênero e sexualidade voltadas à educação infantil e com período de publicação entre os anos de 2005 e 2015. Como critérios de exclusão definiu-se que não fariam parte da pesquisa teses e textos governamentais, artigos que se referiam apenas a sexualidade e gênero, sem que especificamente tratem sobre a educação infantil, e artigos publicados em outros idiomas diferentes do português. O período de coleta de dados foram os meses de maio e junho de 2015. Os gráficos abaixo mostram detalhadamente o processo de seleção através da pesquisa nas bases de dados.

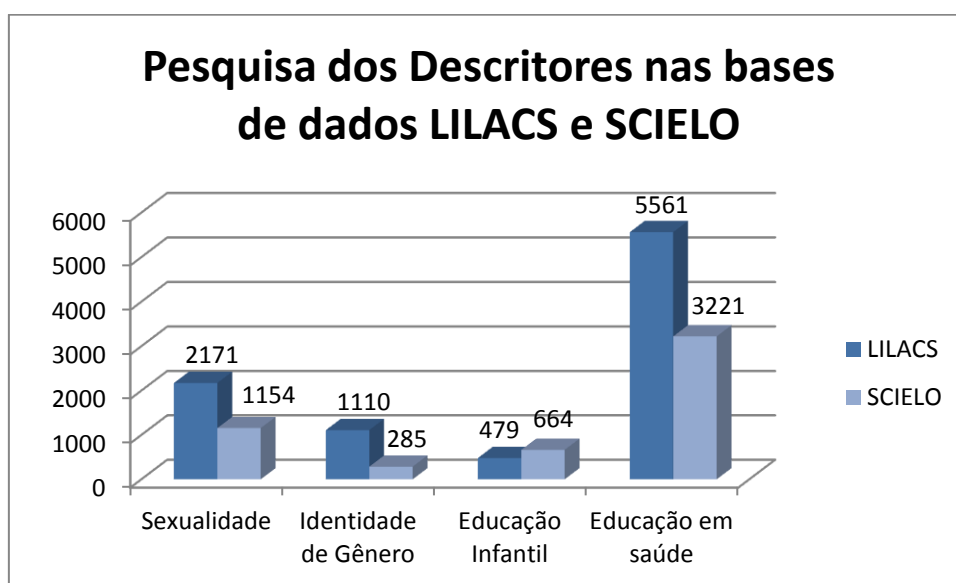


Gráfico 1- Pesquisa dos descritores nas bases de dados LILACS e SCIELO

Fonte: LILACS e SCIELO – 2015.

Ambas as bases de dados possibilitam ao navegador realizar pesquisas simultaneamente com mais de um descritor. Assim sendo, ao realizarmos o cruzamento de dois descritores, podemos identificar uma mostra mais suscinta e mais específica com relação ao tema pesquisado.

O gráfico abaixo demonstra o cruzamento de dois descritores nas bases de dados LILACS e SCIELO.

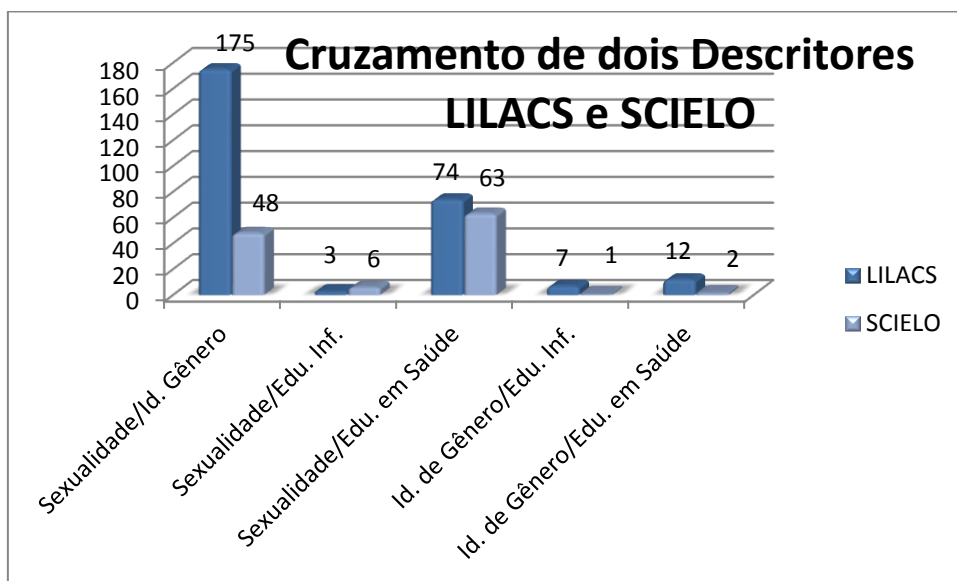


Gráfico 2- Cruzamento de dois descritores na bases LILACS e SCIELO.

Fonte: LILACS e SCIELO - 2015

Por fim, realizamos a pesquisa utilizando três descritores simultaneamente. Obtemos uma amostra pequena na qual os artigos selecionados já faziam parte desta pesquisa.

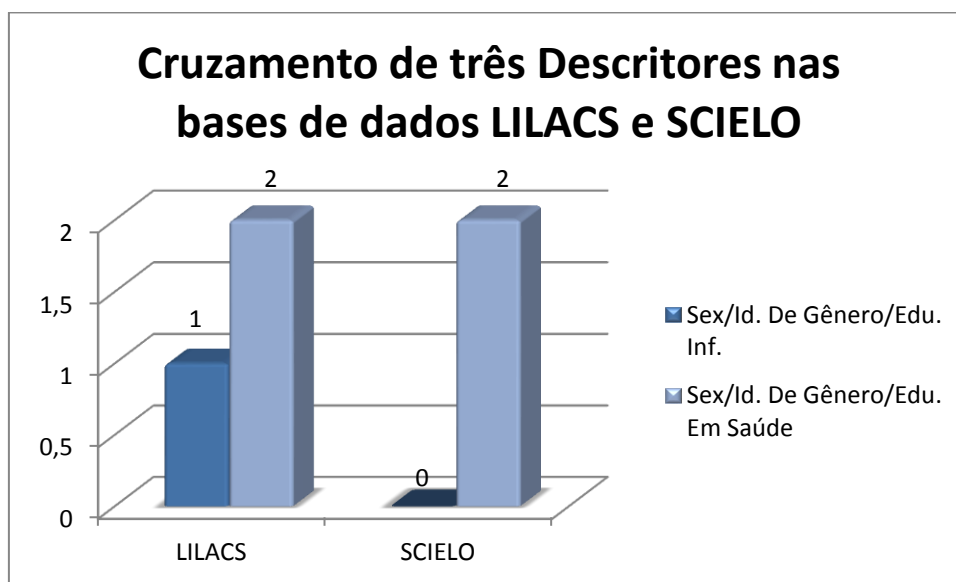


Gráfico 3 - Cruzamento de três descritores nas bases de dados LILACS e SCIELO.

Fonte: LILACS E SCIELO – 2015

Sexualidade x Identidade de gênero

Dos 175 trabalhos encontrados na base de dados LILACS no cruzamento dos descritores sexualidade e identidade de gênero, 173, não estavam de acordo com pelo menos um critério de inclusão para a realização desta pesquisa.

| Não corresponderam ao tema de pesquisa | Ano de publicação inferior a 2005 | Não possui texto completo em versão gratuita | Artigos apresentados em outros idiomas diferentes do português |
|--|-----------------------------------|--|--|
| 163 | 55 | 84 | 36 |

Na pesquisa realizada na base de dados SCIELO, dos 48 trabalhos encontrados no cruzamentos dos mesmos descritores o resultado foi o seguinte:

| Não corresponderam ao tema de pesquisa | Ano de publicação inferior a 2005 | Não possui texto completo em versão gratuita | Artigos apresentados em outros idiomas diferentes do português |
|--|-----------------------------------|--|--|
| 36 | 9 | Zero | 3 |

Com o cruzamento dos descritores sexualidade e identidade de gênero, compuseram a amostra ao todo três artigos, sendo estes, dois da base de dados LILACS e um da base SCIELO.

Sexualidade e Educação Infantil

Quando pesquisado o cruzamento dos descritores sexualidade e educação infantil, deixaram de fazer parte da amostra por apresentarem pelo menos um critério de exclusão nas bases de dados LILACS (3 artigos) e SCIELO (6 artigos) respectivamente:

| Não corresponderam ao tema de pesquisa | Ano de publicação inferior a 2005 | Não possui texto completo em versão gratuita | Artigos apresentados em outros idiomas diferentes do português |
|--|-----------------------------------|--|--|
| 2 | 2 | 1 | Zero |

| Não corresponderam ao tema de pesquisa | Ano de publicação inferior a 2005 | Não possui texto completo em versão | Artigos apresentados em outros idiomas diferentes |
|--|-----------------------------------|-------------------------------------|---|
|--|-----------------------------------|-------------------------------------|---|

| | | | |
|---|------|----------|--------------|
| | | gratuita | do português |
| 3 | Zero | Zero | 1 |

Em ambas as bases de dados foi encontrado um artigo que já fazia parte da amostra, sendo assim, este eliminado da seleção por apresentar-se repetidamente. Deste cruzamento compôs a amostra um artigo da base de dados SCIELO.

Sexualidade e Educação em Saúde

Ao cruzar sexualidade e educação em saúde foram descartados da amostra artigos que obtivessem pelo menos um dos critérios de exclusão. Veja nos quadros abaixo respectivamente a seleção realizada na base LILACS e SCIELO. Deste cruzamento compôs a amostra um artigo da base de dados SCIELO.

| | | | |
|--|-----------------------------------|--|--|
| Não corresponderam ao tema de pesquisa | Ano de publicação inferior a 2005 | Não possui texto completo em versão gratuita | Artigos apresentados em outros idiomas diferentes do português |
| 74 | 39 | 52 | 21 |

| | | | |
|--|-----------------------------------|--|--|
| Não corresponderam ao tema de pesquisa | Ano de publicação inferior a 2005 | Não possui texto completo em versão gratuita | Artigos apresentados em outros idiomas diferentes do português |
| 38 | 11 | Zero | 15 |

Identidade de Gênero e Educação Infantil

Ao relacionarmos os descritores identidade de gênero e educação infantil foram encontrados sete artigos na base de dados LILACS, veja a seleção na tabela abaixo:

| | | | |
|--|-----------------------------------|--|--|
| Não corresponderam ao tema de pesquisa | Ano de publicação inferior a 2005 | Não possui texto completo em versão gratuita | Artigos apresentados em outros idiomas diferentes do português |
| 4 | 1 | 1 | 2 |

Na base de dados SCIELO foi encontrado apenas um artigo que não correspondia ao tema de pesquisa. Compuseram a amostra dois artigos da base de dados LILACS.

Identidade de Gênero e Educação em Saúde

Quando realizado o cruzamento dos descritores identidade de gênero e educação em saúde, obtivemos o seguinte resultado na seleção, bases LILACS e SCIELO, respectivamente:

| Não corresponderam ao tema de pesquisa | Ano de publicação inferior a 2005 | Não possui texto completo em versão gratuita | Artigos apresentados em outros idiomas diferentes do português |
|--|-----------------------------------|--|--|
| 12 | 8 | 12 | 9 |

| Não corresponderam ao tema de pesquisa | Ano de publicação inferior a 2005 | Não possui texto completo em versão gratuita | Artigos apresentados em outros idiomas diferentes do português |
|--|-----------------------------------|--|--|
| 2 | 1 | Zero | 1 |

Deste cruzamento nenhum artigo foi extraído para compor a amostra.

Enfim, quando realizado o cruzamento avançado de três descritores, ao cruzar identidade de gênero, sexualidade e educação infantil, na base de dados LILACS foi encontrado um artigo que já compunha a amostra, e, na base SCIELO não foram encontrados artigos. Outrora, ao cruzar identidade de gênero, sexualidade e educação em saúde foram encontrados na base SCIELO e na base LILACS dois artigos, os quais foram descartados por não corresponderem ao tema da pesquisa.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram selecionados sete artigos que atenderam a todos os critérios de inclusão da pesquisa, sendo eles, quatro na base de dados LILACS e três na base de dados SCIELO.

Com o uso do quadro abaixo pretendeu-se organizar as publicações com as informações essenciais extraídas dos artigos após leitura rigorosa de cada um deles.

| Título e Autor(es) | Ano de Publicação Fonte Objetivos | Metodologia | Conclusões do Estudo |
|---|--|--|---|
| <p>Integração: saúde e educação: contribuições da psicologia para a formação de educadores de uma creche em sexualidade infantil</p> <p>CIAFFONE, Adriane Costa e Rocha; GESSER Marivete</p> | <p>Ano: 2014</p> <p>Fonte: SCIELO</p> <p>Objetivo (s): Este estudo propôs-se, a partir das necessidades identificadas junto aos educadores de uma instituição de educação infantil, promover um espaço de discussão e reflexão voltado ao aprofundamento da temática sexualidade.</p> | <p>Tipo de estudo: Trata-se de um relato de experiência da formação de educadores de uma creche com a temática sexualidade na infância.</p> <p>Coleta de dados: Foram realizadas sete oficinas que tiveram como principal referencial teórico metodológico os Círculos de Cultura.</p> <p>Local e período: As atividades foram realizadas em uma creche de um município do sul do Brasil, com duração de um semestre.</p> <p>População: Educadores que atuam em uma creche de um município do sul do Brasil.</p> | <p>Os resultados evidenciaram que, a partir do trabalho realizado, os professores conseguiram se instrumentalizar para lidar de forma mais adequada com as expressões de sexualidade na infância, bem como para atender os pais em suas dúvidas relacionadas ao tema.</p> |
| <p>Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância</p> <p>FILHA, Constantina Xavier</p> | <p>Ano: 2014</p> <p>Fonte: SCIELO</p> <p>Objetivo(s): O presente artigo tem por objetivo conhecer a literatura infantil disponível, entre os anos de 2006 e 2013, buscando entender essa produção como artefato cultural e dispositivo pedagógico de</p> | <p>Tipo de estudo: Foi realizada uma análise documental da literatura infantil disponível entre os anos de 2006 e 2013.</p> <p>Coleta de dados: Os livros foram analisados como dispositivos pedagógicos, através do reconhecimento da linguagem adotada e suas possibilidades de produzir subjetividades na infância, bem como, conhecer aquilo que produzem e veiculam sobre corpo, gênero e sexualidade.</p> | <p>Concluiu-se com o presente estudo, que de forma positiva muitos livros já são escritos por autores/as brasileiros, o que torna suas histórias mais coniventes com a realidade da população brasileira. Contudo, não é observada na maioria das histórias a participação efetiva das crianças, ou seja, tratam-se de histórias contadas por adultos e sobre adultos. Também se observou dentro dos contos infantis que, são silenciadas algumas temáticas como a violência contra a criança e a homossexualidade.</p> |

| | | | |
|---|--|--|---|
| | educação na infância. | Período: Foi realizada busca na literatura infantil, visando acervos publicados entre os anos de 2006 e 2013. População/objeto de pesquisa: Livros de literatura infantil, nacional, publicados entre os anos de 2006 a 2013. | |
| As (des) construções de gênero e sexualidade no recreio escolar WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo MEYER, Dagmar Estermann | Ano: 2013 | Tipo de estudo: Trata-se de um estudo etnográfico . | Percebe-se que as crianças se distribuem nos espaços do pátio da escola segundo o gênero, ressaltando diferentes maneiras de ocupação e negociação entre elas, configurando uma geografia do gênero. Também foi observada uma construção da sexualidade na escola, na qual a homossexualidade é circunscrita em detrimento a norma da heterossexualidade. |
| | Fonte: LILACS | Coleta de dados: A coleta de dados deu-se através da observação e entrevista com as crianças durante o período do recreio escolar. | |
| | Objetivo(s): Objetivo compreender como são atribuídos significados de gênero que constituem modos diferenciados de ser menino ou menina no espaço do recreio de uma escola pública de Porto Alegre. | Local e período: A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Porto Alegre, com período de duração de um ano. | |
| | | População: Escolares da segunda e terceira série do ensino fundamental. | |
| Corpo e movimento: Reproduzindo diferenças na educação infantil ALTMANN, Helena; MARIANO, Marina; UCHOGA, Liane Aparecida Roveran | Ano: 2012 | Tipo de estudo: Estudo do tipo etnográfico. | Conclui-se que através de diferentes formas de intervenção os docentes podem estimular ou não a segregação de meninos e meninas no espaço escolar. Contudo a escola, como um todo também, estimula agrupamentos, experiências e relacionamentos distintos entre crianças, através de palavras, atitudes e ideias que transmitem ou não a concepção de separação. Porém, se de fato as ações dos docentes, como têm demonstrado as pesquisas, influenciam meninos e meninas dentro dos espaços educativos, podemos dizer que a formação destes quanto às questões de gênero é importante para uma intervenção de forma não desigual na prática pedagógica. |
| | Fonte: LILACS | Coleta de dados: A coleta de dados aconteceu a partir de observações etnográficas e entrevistas com os alunos e professores. | |
| | Objetivo(s): objetivou investigar na primeira pesquisa, como o corpo e o movimento eram tratados dentro da rotina escolar. A segunda pesquisa, por sua vez, objetivou problematizar as relações de gênero dentro de aulas de Educação Física. | Local e período: A primeira pesquisa foi realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil (Cemei) localizado na região norte de Campinas (SP). A segunda pesquisa consistiu em observações de aulas de Educação Física em dois Centros de Educação Infantil (CEI) da cidade de Vinhedo (SP). | |
| | | População: A primeira pesquisa: crianças na faixa etária de 1 ano e 10 meses até 6 anos. A segunda pesquisa: crianças dos 3 aos 5 anos de idade. | |
| Gênero, corpo e sexualidade: Negociações nas brincadeiras no pátio escolar | Ano: 2012 | Tipo de estudo: Trata-se de um estudo etnográfico. | Concluiu-se que a escola propicia aprendizagem não intencional no recreio escolar, pois, ela é uma instituição na qual se disputam, se |
| | Fonte: LILACS | | |

| | | | |
|---|---|---|---|
| <p>WENETZ, Ileana.</p> | <p>Objetivo(s): Objetivou problematizar como são atribuídos significados de gênero nas práticas corporais vivenciadas pelas meninas e pelos meninos. Indaga-se como o corpo, as práticas corporais e as brincadeiras acontecem no pátio escolar.</p> | <p>Local e período: Realizado em uma escola pública de Porto Alegre, com duração de um ano.</p> <p>Coleta de dados: Através da observação e entrevistas que incluíram diferentes momentos da rotina da escola e também, atividades extraordinárias, como as festas de aniversário e os passeios.</p> <p>População: Crianças da primeira a quarta séries.</p> | <p>aceitam, se rejeitam e se impõem padrões de gênero através de atividades desenvolvidas ao longo da rotina escolar. As crianças aprendem a ser meninos e meninas, em detrimento as normas introjetadas pelo meio em que estão inseridas.</p> |
| <p>A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em creches</p> <p>GOMES, Vera Lúcia de Oliveira</p> | <p>Ano: 2008</p> <p>Fonte: LILACS</p> <p>Objetivo(s): objetivou-se investigar como se constrói o feminino e o masculino no processo de cuidar crianças em uma creche do Rio Grande/RS.</p> | <p>Tipo de estudo: Trata-se de um estudo exploratório descritivo, com abordagem qualitativa.</p> <p>Local e Período: Realizado em uma creche da periferia do município de Rio Grande/RS. Entre os meses de março e abril de 2006.</p> <p>Coleta de dados: Empregaram-se as técnicas de observação e entrevista.</p> <p>População: Foram sujeitos do estudo três cuidadoras, identificadas por números de um a três, e todas as crianças que compareceram à creche nos dias em que se efetuou a coleta de dados.</p> | <p>Evidenciou-se, pelas seções observacionais e fotografias que, de forma ora evidente, ora velada, os estereótipos de gênero são introjetados nas crianças desde o período da pré-escola, e que durante o processo de cuidar o educador é incapaz de despir-se de seus pré-conceitos e cultura de gênero fortalecidas durante toda a vida.</p> |
| <p>Brincadeiras de meninos e de meninas: socialização, sexualidade e gênero entre criança e a construção social das diferenças</p> <p>RIBEIRO, Jucélia S.Bispo</p> | <p>Ano: 2006</p> <p>Fonte: SCIELO</p> <p>Objetivo(s): Com o presente estudo objetivou-se refletir em sobre a socialização, gênero e sexualidade no contexto da infância e as formas como essas construções sociais vão se formando nas mais tenras idades.</p> | <p>Tipo de estudo: A discussão baseia-se em material etnográfico.</p> <p>Coleta de dados: Através de observações da rotina e brincadeiras, e entrevistas com as crianças.</p> <p>População: Crianças de 07 a 14 anos de idade.</p> <p>Local e Período: Realizado em uma comunidade praieira na Bahia.</p> | <p>Percebeu-se que entre as próprias crianças ser homem e ser mulher está relacionado não somente com o aparato anatômico fisiológico, mas com concepções sociais, aprendidas na família e no sistema das relações em que vivem. A categoria homem e mulher, neste caso, menino e menina, envolvem atributos sociais e simbólicos, como poder fazer certas coisas, exercer legitimamente a sexualidade, assumir comportamentos dentro de uma determinada ordem.</p> |

Quadro 2- Organização das principais informações extraídas da amostra obtida.

Fonte: (GOMES, 2008), (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012), (CIAFFONE; GESSER, 2014), (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2012), (WENETZ, 2012), (RIBEIRO, 2006), (FILHA, 2014).

4.1 DISCUSSÕES DOS ARTIGOS

4.1.1 A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em creches

Vera Lúcia de Oliveira Gomes

As crianças não aprendem sozinhas a distinguir os seres entre os sexos feminino e masculino, bem como as atribuições definidas de acordo com o tipo sexual. Seus medos, tabus e preconceitos relacionados a sua sexualidade foram fundamentados por um adulto, seja ele um familiar ou um educador. Gomes (2008, p.4) versa sobre esta questão:

Embora família e creche exerçam significativo papel na perpetuação da ordem dos gêneros, é no ambiente familiar que tem início a interiorização da divisão sexual do trabalho e que os estereótipos vão sendo inculcados. A creche contribui com a reprodução desses estereótipos, ao propiciar a inculcação de um padrão de comportamento “considerado culturalmente correto”, ou seja, de inculcar nas crianças um jeito de ser masculino e um jeito de ser feminino. Nesse sentido, inúmeras são as manifestações infantis relacionadas a papéis de gênero ou mesmo à sexualidade, que desencadeiam reações precipitadas e moralistas por parte dos adultos, evidenciando que esse assunto ainda é pouco trabalhado.

O trabalho de Gomes expõe o quanto o papel das cuidadoras nas creches e Escolas infantis influencia na percepção de gênero e sexualidade. Ao cuidar o cuidador não exime-se de suas crenças e pré-conceitos, e é essa cultura que dia após dia é transmitida linearmente e sem quaisquer barreiras as crianças.

Foi possível compreender que de forma ora evidente, ora velada, os estereótipos de gênero vão sendo inculcados nas crianças e que o processo de cuidar é por eles permeado. Torna-se então, indispensável uma reflexão sobre a função das creches como formadoras de habitus, pois é inegável que a trajetória de vida de inúmeras crianças será significativamente influenciada pelos cuidados que lhes forem dispensados na fase inicial de seu crescimento e desenvolvimento. (GOMES, 2008, p.7).

No excerto abaixo extraído de uma entrevista com uma cuidadora, identificamos que ao expor sua opinião em relação à ocupação do cargo de cuidadores de escolas infantis e creches por homens, ela expressa uma forte tendência aos estereótipos de gênero.

Não é comum né? Eu acho porque a mulher já nasce com este instinto de cuidar né!...O homem não... Eu acho que até poderia ter um caso de homem cuidar de criança, mas é estranho... É diferente... Vem deles que tomam essa posição. Eu acho que eles não procuram esse trabalho porque não têm experiência nem vontade de ficar com crianças eles acham coisa de mulher. (Cuidadora 2). (GOMES, 2008, p.6).

Nesta fala a cuidadora demonstrou ter interiorizado que o cuidado de crianças é atribuição nata da mulher e que o homem precisa querer desempenhar tal função. Nas concepções dessa informante, enquanto as mulheres nascem com o instinto de cuidar, os homens precisam de aprendizado e motivação.

Todas essas atitudes e apreciações das cuidadoras servem para ilustrar a afirmação de que “embora o mundo de hoje se apresente semeado de indícios e de signos que designam as coisas a serem feitas, ou não factíveis, desenhando, como que em pontilhado, os movimentos e deslocamentos possíveis prováveis ou impossíveis, os ‘por fazer’ ou os ‘por vir’ propostos por um universo a partir daí social e economicamente diferenciado, tais indícios ou signos não se dirigem a um agente qualquer, [...] eles se apresentam como coisas a serem feitas, naturais ou impensáveis, normais ou extraordinárias, *para tal ou qual categoria*, isto é, particularmente para *um* homem ou para *uma* mulher”. (GOMES, 2008, p.7).

E são estas formas de agir e pensar que interiorizam na criança o jeito “certo” e errado” de ser menino e menina. Dessa forma, entre aprovações, censuras, lições de moral ou elogios, convivendo com a harmonia ou a discórdia; com a carência ou a fartura; com o conhecimento ou o desconhecimento; com o preconceito ou a cultura da tolerância, entre tantos outros extremos, a criança vai delineando suas preferências, seus valores, seus jeitos e trejeitos, enfim, seus gostos mais íntimos. Dizendo de outra forma, é no e pelo compartilhar do cuidado que família e creche transmitem, mais por vias indiretas do que diretas, o substrato para a gênese do *habitus*, que estará, “no princípio da percepção e da apreciação de toda a experiência ulterior”. (GOMES, 2008 p.4)

Ao cuidar o cuidador transmite e interioriza seus valores aos alunos. E são estas atitudes que servem como substrato para a formação de opinião.

4.1.2 Corpo e movimento: Reproduzindo diferenças na educação infantil

Helena Altmann; Marina Mariano; Lisiane Aparecida Uchoga

Para contribuir Altmann; Mariano; Uchoga, (2012), revela que meninos e meninas apresentam maneiras diferentes de se comportar em relação às regras, em virtude das expectativas das pessoas que compõe a escola, como também da própria sociedade, já que as crianças não chegam à escola vazias, mas já trazem uma bagagem cultural das relações estabelecidas no seu dia a dia.

Ainda que meninos e meninas estivessem realizando a mesma prática corporal, as expectativas em torno do resultado das ações para um gênero e para o outro eram diferentes. Ao perguntar para a classe se as meninas conseguem queimar alguém durante o jogo de queimada, ficou evidente a existência da dúvida quanto à capacidade delas para realizar tal feito. Pergunta semelhante direcionada aos meninos soaria redundante, já que estes, segundo expressão usada pela professora, são “espertos e fortes”. (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012, p.10).

A sociedade, através dos processos culturais, ensina para as crianças como elas devem agir enquanto meninos e meninas. O senso comum estabelece que meninos são mais espertos, despojados, fortes, viris, enquanto as meninas são delicadas, amorosas e calmas. Enquanto a educação masculina acontece de forma mais livre a educação feminina exige que ela sente-se direito, não suba em árvores, não brinque de forma agitada. Estabelece-se assim, uma relação em que o sexo feminino é visto como frágil e tem necessidade de ser preservado ao máximo. “No primeiro contexto estudado, o Cemei Pipoca³, as meninas, na maioria das vezes, eram as primeiras a seguirem as regras corporais do “bom comportamento” que, em muitas situações, consistiam em ficar paradas e/ou organizadas em fila”. (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012, p.4).

Esse é um exemplo de situação que, guardadas suas especificidades, repetia-se no dia a dia escolar. O fato de, naquele contexto, as meninas, mais do que os meninos, seguirem as regras impostas pode ser relacionado a uma construção histórica, na qual as possibilidades de livre movimentação foram restringidas para as mulheres, com base tanto em valores morais – meninas precisam ser recatadas para serem consideradas “boas moças” – quanto biológicos – mulheres são mais frágeis. (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012)

Desta forma, é possível considerar que, apesar do gênero ser decisivo no desenvolvimento de habilidades nas crianças da Educação Infantil, com o decorrer do tempo as oportunidades distintas oferecidas aos sexos gera o desenvolvendo

habilidades, interesses e gostos diferentes. Nossa cultura tradicionalmente proporciona aos meninos mais oportunidades de explorar suas habilidades físicas de maneira global. Como observou a professora em fala destacada anteriormente, a sociedade permite que o menino vá “lá na rua brincar”, enquanto “a menina fica em casa quietinha” (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012, p.13).

Em excerto extraído de uma entrevista com a professora da turma, podemos perceber que dentro das atividades desenvolvidas a professora é capaz de identificar padrões de comportamento seguidos pelos meninos e pelas meninas.

“Professora: Eu não sei. Fico imaginando às vezes pelo fato da família que diz que o menino tudo bem, o menino faz, a menina não pode se sujar, não pode ir na rua brincar... O menino pode ir lá na rua brincar, a menina não. A menina fica em casa quietinha, ali. A atividade das meninas geralmente é mais tranquila que a dos meninos. A deles sempre é mais dinâmica, sempre envolve mais gente do que a das meninas. As meninas são muito mais organizadas, então, na hora de você colocar uma atividade de organização, as meninas se organizam mais rápido que os meninos. Mas eu acho que os meninos se saem melhor do que elas”. (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012, p.7)

Meninos e meninas recebem educações e oportunidades distintas, e com o passar do tempo, estes saberes distintos estabelecem maneiras de agir e pensar também diferentes. Altman; Mariano; Uchoga, (2012) conclui dizendo:

Foi possível perceber, também, que não só o docente exerce influência sobre as crianças, mas a escola, como um todo, estimulando agrupamentos, experiências e relacionamentos distintos entre crianças, através de palavras, atitudes e ideias que transmitem ou não a concepção de separação. Porém, se de fato as ações docentes, como têm demonstrado as pesquisas, influenciam meninos e meninas dentro dos espaços educativos, podemos dizer que a formação destes quanto às questões de gênero é importante para uma intervenção de forma não desigual na prática pedagógica. (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012).

O estudo de Altmann; Mariano; Uchoga, (2012), é de grande significância, já que de fato a escola e os professores divulgam ideias separatistas entre os sexos, faz-se necessária uma preparação mais rigorosa tanto dos educadores como dos ambientes em si, no que tange as temáticas gênero e sexualidade na infância.

4.1.3 As (des) construções de gênero e sexualidade no recreio escolar

Ileana wenez; Marco Paulo Stiger;
Dagmar Estermann Meyer

O recreio é visto como um espaço de misturas de sons, de atividades e de silêncios, esse espaço que se apresenta diante de nós como um caos, foi estabelecido como campo de estudo para esta pesquisa. O texto de Wenez; Stigger; Meyer, (2013) comprova a existência de um mapa no pátio da escola, onde as crianças estão divididas por grupos estratificados através do gênero e interesses.

De uma forma dinâmica, os espaços do recreio se organizavam a partir de vários aspectos já referidos, mas, dentre os quais, a idade e o gênero se destacavam. Esta “geografia generificada” se construía através de uma série de diálogos, imposições e negociações, por parte das crianças e dos/as adolescentes. (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013 p.5).

Observamos que o recreio é um espaço generificado e sexualizado. Nesse espaço as crianças não são tão livres quanto poderíamos acreditar. As crianças não brincam todas juntas, não fazem sempre o que querem, nem todas brincam em todos os espaços e, ainda, nem todas brincam do que gostariam. As brincadeiras são generificadas e sexualizadas e ocupam diferentes espaços no pátio. Ditos espaços são disputados, negociados ou impostos. (WENET; STIGGER; MEYER, 2013).

Ainda durante o recreio escolar observamos que a sexualidade é normalizada através da heterossexualidade, onde crianças e adolescentes constroem perfis específicos para meninos e meninas e tudo aquilo que foge a regra é taxado como “bicha” ou “sapatão”.

No trecho a seguir retirado do artigo de Wenez; Stigger; Meyer, (2013), fica claro esta imposição gerada através do gênero e suas atribuições específicas:

João gostava de brincar de brincadeiras consideradas como tipicamente femininas, elástico, pular corda, pega-pega e vôlei. Nunca brincava de futebol, sempre ficava com as meninas e não realizava nenhuma atividade com os meninos, nem na sala de aula nem fora dela. Usava roupas tipo surfista, fazia luzes nos cabelos e os arrumava com gel. Por estas razões ele recebia o apelido de “bicha” por parte dos colegas meninos e de crianças de outras séries também. (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013 p.8).

Até mesmo as atividades que acontecem no pátio escolar estratificam-se através dos estereótipos de gênero. Enquanto as meninas participam de atividades mais tranquilas os meninos preferem o barulho e a atividade física mais vigorosa. Os jogos de mãos e as danças eram as atividades preferidas das meninas da primeira à quarta série,

enquanto os seus colegas meninos - da mesma idade - brincavam de lutas ou jogavam futebol. (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013).

Outra atividade desenvolvida no recreio escolar era a dança, onde muitos meninos mostravam-se com desejo de participar, porém eram coagidos pelos demais.

Além disso, a menina que leva o CD fica com a função de procurar a direção da escola, para que coloquem a música a tocar, para que todas possam dançar. A menina que conhece a coreografia fica ensinando as letras das músicas e os movimentos para as demais. Enquanto isso, alguns meninos começam a se mostrar interessados pela atividade. Eles dançam, até que aparece um colega (menino) e os provoca, debochando do fato deles estarem dançando. Imediatamente, os meninos que estavam interessados pareciam já não ter interesse pela dança. (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013, p.7).

Assim, observarmos que o recreio escolar está vinculado a diversas formas de controle/regulação sobre o corpo infantil, onde diversos mecanismos contribuem para uma construção/conformação de meninas e de meninos, agindo no sentido de produzir uma imagem feminina ou masculina.

4.1.4 Gênero, corpo e sexualidade: Negociações nas brincadeiras no pátio escolar

Ileana Wenz

Em consonância ao estudo de Wenz, (2012), é possível observar a mesma reação da turma quando uma menina se comporta de maneira diferente da estipulada pelos estereótipos de gênero do grupo.

Este fato torna-se evidente nesse excerto da fala de uma menina:

“às vezes os meninos pegam no pé dela, [dizendo] que ela é meio menino (...) que ela tem jeito de menino, até a voz dela, falam que é de menino; ela quer jogar bola e nunca vai brincar com as meninas de pular corda”. (WENETZ, 2012, p.6).

Existe a repressão sexual exercida pelos papéis masculinos e femininos dentro do recreio escolar, e esta atinge tanto os meninos como as meninas.

Observou-se ainda, no estudo de Wenz, (2012), que através das brincadeiras as crianças se expressam de forma mais espontânea, já que, na maioria das vezes, os membros de uma turma acabam por agir conforme as regras estipuladas pelo grande grupo. A sexualidade no recreio pode ser observada através da constituição dos próprios grupos e de suas brincadeiras.

Em atividades como jogos, danças, esportes, entre outras, que permitem uma maior expressão do/a aluno/a, uma gestualidade própria fica em evidência, e medos ou dificuldades de lidar ou mostrar o próprio corpo podem ser

trabalhados e observados, tanto no momento da aula quanto durante o recreio. (WENETZ, 2012 p.4).

Durante as observações a autora ressalta um comportamento mais preconceituoso e separatista vindo por parte dos meninos. Eles constantemente faziam questão de provar que eram melhores e mais fortes que as meninas, estabelecendo assim, uma relação de poder e submissão. Nesse sentido, o corpo é entendido como resultado sempre temporário e instável de diversas configurações através dos tempos, adquirindo diferentes significados, mas configurado em e pelas redes de poder. (WENETZ, 2012).

Ainda assim, foi observado que além dessa relação de poder os meninos parecem ser obrigados a provar sua masculinidade frequentemente ao grupo, bem como se mostrarem cavalheiros com as meninas. Contudo, eles mesmos se veem mais rebeldes e bagunceiros como regra.

“Nós somos cavalheiros: não falamos para a professora o que elas fazem em nós” (Igor); Ser cavalheiro é “não bater em menina” (Diego); “se a menina tem um lápis pequeno, emprestar um grande que o menino tem” (Igor); “ser educado” (Diego). Eles mesmos percebem a oposição de suas atitudes: “Mas menino, na realidade, também é bagunceiro” (Diego). (WENETZ, 2012, p.7).

Desta forma, o estudo de Wenez, (2012) conclui que a escola é uma instituição na qual se disputam, se aceitam, se rejeitam e se impõem significados através de processos em que as crianças se encontram inseridas, participando de negociações culturais ou imposições muito complexas, que acontecem, também, nas brincadeiras do pátio escolar.

4.1.5 Integração: saúde e educação: contribuições da psicologia para a formação de educadores de uma creche em sexualidade infantil

**Adriane Costa e Rocha Ciaffone;
Mrivete Gesser**

O trabalho de Ciaffone; Gesser, (2014), apresenta uma diferente metodologia dos demais da amostra. Neste foram realizadas oficinas com os Educadores de uma Escola de Educação Infantil, a fim de capacitá-los a lidarem com questões de gênero e sexualidade na infância. Estes educadores estavam preocupados por acreditarem não saber lidar com as demonstrações de sexualidade, e tão pouco estarem preparados para responder aos questionamentos dos pais e dos alunos. Torna-se evidente que ao instrumentalizar professores a compreender as expressões relacionadas à sexualidade

como inerentes ao desenvolvimento das crianças estamos contribuindo para a promoção da saúde. De acordo com Brasil, (2007), a importância de se abordar a questão no processo de formação de professores para que estes sejam instrumentalizados a lidar com as questões relativas à sexualidade no âmbito escolar é uma necessidade.

Entende-se que instrumentalizar professores de uma creche a compreender as expressões relacionadas à sexualidade como inerentes ao desenvolvimento das crianças pode contribuir para o rompimento do processo de patologização dessas expressões e, conseqüentemente, para a promoção de saúde dessas crianças e dos educadores (YARED, 2011).

Em avaliação realizada antes do período das oficinas, constatou-se que as educadoras da creche se sentiam despreparadas para lidar com o tema da sexualidade infantil e, em consequência, acabavam por desconsiderar ou até repreender muitas das expressões que surgiam no cotidiano da sala de aula. (CIAFFONE; GESSER, 2014, p.9).

Após as oficinas realizadas por profissionais da psicologia os educadores mostraram-se mais confiantes e satisfeitos com seu trabalho. Estes, ao serem incluídos na construção do processo, tornaram-se corresponsáveis pelos resultados obtidos no mesmo e puderam constatar a importância de sua implicação para a revisão de suas posturas quanto ao tema da sexualidade. (CIAFFONE; GESSER, 2014).

Por fim, identificou-se que as educadoras da Escola percebiam as crianças como seres assexuados e demonstravam grande dificuldade para lidar com as expressões da sexualidade infantil quando essas apareciam no cotidiano da escola. Contudo, após o término das oficinas foi percebido empoderamento da equipe, no que tange ao debate das temáticas gênero e sexualidade na educação infantil.

4.1.6 Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância

Constantina Xavier Filha

O discurso de Filha, (2014), aponta as histórias infantis como manipuladoras de modos específicos de pensar do ser masculino e feminino. Através dos contos infantis as crianças são capazes de construir um modo de pensar e agir semelhantes aos dos chamados contos de fada. Os artefatos culturais produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e estabelecem a forma “adequada” e “normal” de viver a sexualidade, a feminilidade ou a masculinidade. (FILHA, 2014).

Contudo, é possível afirmar que mesmo os livros destinados aos chamados contos de fada, na ausência de objetivos educativos explícitos sobre determinados assuntos, também educam.

Os livros infantis expressam modos de ser menina ou menino e produzem no leitor ou leitora maneiras de ser no mundo, de pensar, de construir problemas, de confrontar-se com a realidade e consigo mesmo/a, tudo em um tipo de relação específica estabelecida com a leitura. (FILHA, 2014).

Atualmente, porém, ocorram mudanças com a inclusão de uma linguagem mais lúdica, que traz aspectos estéticos e conteúdos que visam à reflexão e à discussão de temas ligados às dúvidas e aos problemas vivenciados pelas crianças. A exemplo temos o livro infantil “Ceci tem pipi?” de Lenain, (2004), utilizado no artigo de Filha, (2014), que diz:

A menina, ao chegar à escola, abala as convicções do menino Max, que antes tinha a ideia de que o mundo era separado entre os “com pipi” e as “sem pipi”. O pessoal “com pipi” era mais forte, e essa percepção era uma certeza existente desde que o mundo é mundo, ele acreditava. A menina, em vez de desenhar “florzinha fofinha”, escolhe um “mamute enorme”, adora jogar futebol, tem bicicleta “de garoto”, não tem medo de subir em árvores e, nas lutas, sempre vence. O menino fica cada vez mais intrigado com as atitudes daquela garota. Acredita que ela estava trapaceando, pois “Ceci é uma menina que tem pipi! Uma sem-pipi com pipi...” (LENAIN, 2004, p. 17).

Os corpos masculino e feminino além de serem fragmentados, com ênfase no aspecto biológico, estão divididos de acordo a sua constituição física como sinônimos de beleza, isto é, na grande maioria das histórias são apresentados como corpos jovens, magros e brancos. Outro paradigma existente nas historinhas infantis é o fato de que os livros demonstram conceitos em seus textos e ilustrações que indicam aquilo que é considerado como “normal” para a vivência da sexualidade nesse período da vida. Predomina uma linguagem impositiva e normativa que visa dizer aquilo que é considerado “correto” na educação das crianças. (FILHA, 2014).

Outro conto utilizado pelo artigo é o *Segredo segredíssimo* (2011), escrito pela autora brasileira Odívia Barros. O livro narra a história de Alice, uma menina de seis anos de idade, que tem uma amiga da mesma idade chamada Adriana. A sua amiga lhe conta um segredo: seu tio queria brincar de “brincadeira de adulto” com ela. Alice incentiva Adriana a contar o ocorrido à sua mãe. Depois disso, o “tio” sai de casa e o final feliz reina ao término do livro. Esse livro retrata um caso de violência sexual contra a criança, narrado de forma lúdica. Assim sendo, informação e aprendizado, são apresentados de forma acessível ao entendimento das crianças.

Porém não se pode deixar de observar que na maioria da literatura infantil as questões relacionadas ao corpo sexuado de meninas e de meninos e à sua educação de gênero aparecem como temas fundamentais para a educação, sobretudo com a ênfase na heterossexualidade como norma única e desejável. (FILHA, 2014).

Salienta-se que pouquíssimos livros têm a participação efetiva das crianças em seus textos e ilustrações, ao contrário, possuem linguagens e preceitos adultos, fazendo com que a obra se mantenha sob a tutela dos discursos adultos. (FILHA, 2014).

Tratam-se de contos escritos por adultos e sobre adultos, onde ainda são silenciadas temáticas como homossexualidade e violência contra a criança.

4.1.7 Brincadeiras de meninos e de meninas: socialização, sexualidade e gênero entre criança e a construção social das diferenças

Jucélia Santos Bispo Ribeiro

As diferentes gerações fazem múltiplas e constantes intervenções sobre o comportamento sexual das crianças. A forma mais natural dos pequenos expressarem seus saberes e emoções é através dos jogos e das brincadeiras. Nessa circunstancia, as práticas sociais e culturais dos sujeitos e de seus corpos são reveladas de forma espontânea e livre de pudores familiares. Apesar do forte envolvimento dos preceitos advindos da unidade familiar no que diz respeito às exigências relacionadas ao comportamento e as condutas, as brincadeiras ainda são a melhor maneira do sujeito expressar-se enquanto individuo no mundo.

Nas famílias e em diferentes gerações, inclusive entre as crianças, a sexualidade é entendida como obscenidade, “maldades”, uso pornográfico ou indecente do corpo, manifestação lúdica recheada de sacanagem, algo não sério e da ordem do segredo frente aos adultos. Falar de sexualidade é falar de “ousadia”, um tabu para as crianças das primeiras idades e principalmente para as meninas de todas as idades. (RIBEIRO, 2006, p.9).

O gênero que mais sofre com as opressões familiares é o feminino, pois desde muito pequenas, são induzidas a comportamentos e condutas relacionadas à decência. As mães e outras mulheres convencem-nas dos perigos da proximidade com os meninos, pois elas podem ser vítimas das “ousadias” deles, ou até mesmo da violência física praticada pelos valentões. (RIBEIRO, 2006).

Em contrapartida, os meninos são recomendados a se distanciarem das meninas, para que não sejam taxados como “boiolas” ou “viados”. Se um menino gosta de brincar com as meninas ou até mesmo conversa com elas é ridicularizado perante o grupo. Observou-se também na pesquisa que há um forte envolvimento por parte dos pais, para que, os meninos não pareçam fracos e muito menos apanhem dos demais. A violência é estimulada como provação da virilidade.

Vela-se para que o menino constantemente dê demonstrações de virilidade, mostrando, inclusive, que não é “viado”, que compartilha as proezas do mundo masculino. Dessa forma, o poder dos meninos está assentado, sobretudo, no uso do corpo e da sexualidade, nas brincadeiras sexuais, inclusive as de teor, homossexual. (RIBEIRO, 2006).

Há uma divisão evidente entre os sexos, evidenciada através das falas dos adultos. “A casa é o domínio da mulher enquanto a ‘rua’ é o domínio do homem”. (RIBEIRO, 2006 p.14).

As crianças reproduzem os valores transmitidos pelos adultos através de sua forma de agir diante do grupo. E assim, inicia-se um ciclo de cultura social separatista e homofóbica, passada de pai para filho através das diferentes gerações.

Entre as próprias crianças, portanto, ser homem e ser mulher está relacionado não somente com o aparato anatômico fisiológico, mas com concepções sociais, muitas aprendidas na família e no sistema das relações em que vivem. A categoria homem e mulher, neste caso, menino e menina, envolve atributos sociais e simbólicos, como poder fazer certas coisas, exercer legitimamente a sexualidade, assumir comportamentos dentro de uma determinada ordem. (RIBEIRO, 2006).

Nesse fragmento do relato de observação da autora, mostra-se evidente o uso do corpo masculino como forma de poder e virilidade.

Eu estava me dirigindo para a casa de um interlocutor para realizar uma entrevista e ao passar pela frente de uma casa, um menino de 3 anos começara a dar psius e brincar de esconde-esconde toda vez que eu o olhava. Parei para brincar com esse garoto e sua mãe, ao chegar à janela, comentou: “você aguenta com a moça?”. (RIBEIRO, 2006).

Desde muito cedo os garotos são instigados a provar sua masculinidade diante dos demais. Dessa forma, o poder dos meninos está assentado, sobretudo, no uso do corpo e da sexualidade, no dia a dia de suas ações. Esse poder também está associado à ideia de homem viril e ativo, pois como também observado a masculinidade é relacionada ao controle das emoções como não chorar, não receber afetos, não se deixar dominar pelas meninas.

Por fim, em todas as gerações, há, portanto, um idioma de gênero organizando as relações sociais, e estruturando as diferenças que qualificam os comportamentos pertinentes aos meninos e as meninas.

4.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

No quadro sinóptico abaixo observamos como são retratados os conceitos sexualidade e gênero nos sete artigos estudados. A visão de gênero e sexualidade embora retrate sempre a questão de estereótipos e repressão da expressão sexual, em cada artigo estas temáticas se apresentam de uma forma singular.

| | <u>Sexualidade</u> | <u>Gênero</u> |
|---|--|--|
| As (des) construções de gênero e sexualidade no recreio escolar WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo; MEYER, Dagmar | Sexualidade é normalizada através da heterossexualidade durante o recreio escolar. | O recreio é um espaço generificado, onde o pátio está dividido por grupos estratificados por sexo, idade e atividades competentes “normais” para cada gênero. |
| Gênero, corpo e sexualidade: Negociações nas brincadeiras no pátio escolar. WENETZ, Ileana | Em atividades como jogos, danças, esportes, que permitem uma maior expressão do/a aluno/a, uma gestualidade própria fica em evidência, e medos ou dificuldades de lidar ou mostrar o próprio corpo, já que existe sim uma repressão sexual exercida pelos papéis masculinos e femininos. | Os estereótipos de gênero existem e tornam-se evidentes a medida que os meninos faziam questão de provar que eram melhores e mais fortes que as meninas, estabelecendo assim uma relação de poder e submissão. |
| A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em creches GOMES, Vera Lúcia de Oliveira | No processo de cuidar crianças com idade inferior a três anos, já há regras sociais que visam a preservar o culturalmente definido como adequado para meninos e adequado para meninas. Tais regras são mantidas de forma irrefletida e inquestionável. Reprimindo assim, quaisquer formas de expressar a sexualidade diferente da padronizada. | O mundo social constrói os corpos por meio de um trabalho permanente de inculcação e nele imprime um programa de percepções, de apreciações e de ações. Dessa forma, as ações de gênero já vêm estipuladas como “coisas” de menino e “coisas” de menina desde o período da creche. |

| | | |
|--|--|--|
| <p>Corpo e movimento: Reproduzindo diferenças na educação infantil ALTMAN, Helena; MARIANO, Mariana; UCHOGA, Lisiane</p> | <p>A própria cultura nos aponta que meninos são mais espertos, despojados, forte, viris, enquanto as meninas são delicadas, amorosas e calmas. Estabelecendo assim, repressão de expressões de sexualidade diferentes do “normal”.</p> | <p>Ainda que meninos e meninas realizem a mesma prática corporal, por parte dos educadores as expectativas em torno do resultado das ações para um gênero e para o outro eram diferentes. A escola está mantêm os estereótipos de gênero, inclusive por parte dos educadores.</p> |
| <p>Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. FILHA, Constantina Xavier</p> | <p>Os artefatos culturais (livros infantis) produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e estabelecem a forma “adequada” e “normal” de viver a sexualidade, a feminilidade ou a masculinidade.</p> | <p>Os livros infantis expressam modos de ser menina ou menino e produzem no leitor ou leitora maneiras de ser no mundo, de pensar, de construir problemas, de confrontar-se com a realidade e consigo mesmo/a, tudo em um tipo de relação específica estabelecida com a leitura.</p> |
| <p>Integração: saúde e educação: contribuições da psicologia para a formação de educadores de uma creche em sexualidade infantil CIAFFONE, Adriane Costa e Rocha; e GESSER, Marivete</p> | <p>As educadoras da creche se sentiam despreparadas para lidar com o tema da sexualidade infantil e, em consequência, acabavam por desconsiderar ou até repreender muitas das expressões que surgiam no cotidiano da sala de aula.</p> | <p>As educadoras admitiram não saber lidar com as expressões de sexualidade e acabavam por estipular maneiras “corretas” de ser menino e ser menina.</p> |
| <p>Brincadeiras de meninos e de meninas: socialização, sexualidade e gênero entre criança e a construção social das diferenças RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo</p> | <p>A sexualidade é entendida como obscenidade, “maldades”, uso pornográfico ou indecente do corpo, manifestação lúdica recheada de sacanagem, algo não sério e da ordem do segredo frente aos adultos. Falar de sexualidade é falar de “ousadia”, um tabu para as crianças das primeiras idades e principalmente para as meninas de todas as idades.</p> | <p>Há uma divisão estipuladas entre os sexos, realizada pelo tratamento realizado pelos adultos de distinção entre comportamento e conduta de meninos e meninas. “A casa é o domínio da mulher enquanto a ‘rua’ é o domínio do homem”. (RIBEIRO, 2006).</p> |

Quadro 3 – Organização dos conceitos de sexualidade e gênero na amostra

Fonte: (GOMES, 2008), (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012), (CIAFFONE; GESSER, 2014), (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2012), (WENETZ, 2012), (RIBEIRO, 2006), (FILHA, 2014).

A sexualidade é uma dimensão humana que acompanha as pessoas ao longo de toda a vida, num conjunto de tudo que ouvimos, vemos, sentimos e recebemos da família, escola, comunidade e cultura onde estamos inseridos. Sendo assim, após leitura e esclarecimento dos artigos presentes neste estudo, pode ser observado que a repressão da sexualidade e a diferença entre os gêneros, existem sim, e estão presentes desde a pré-escola.

As formas de tratamento, condutas e até mesmo a cobrança pela postura adequada ao gênero sexual estão presentes desde o convívio familiar até o âmbito escolar. Nós adultos temos uma série de preconceitos e tabus, e, essas informações são

passadas de geração para geração através de uma cultura separatista, onde sexos diferentes devem ser tratados de forma diferentes. É o que Gomes, (2008) e Ciaffone e Gesser, (2014) retratam em seus trabalhos onde de diferentes formas trabalham a questão de gênero e sexualidade na infância com a abordagem aos educadores e cuidadores de creches e Escolas Infantis. No artigo intitulado: A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em creches, Gomes, (2008), através da observação e entrevistas, diagnostica que entre os cuidadores da creche existiam preconceitos e tabus, e a forma de cuidar era por eles permeada a todo o momento.

Culturalmente, desde o pré-natal, diferentes formas de aguardar o nascimento de meninos e de meninas vêm sendo vivenciadas em todos os lares, da mesma forma que marcantes diferenças podem ser apreendidas no processo de socialização de crianças em creches. Tais diferenças “naturalmente” apregoadas por uns (umas), criticadas e combatidas por outros(as), indubitavelmente deixam marcas permanentes nas crianças. (GOMES, 2008 p.8).

Se o educador não for preparado e não possuir informações adequadas, poderá transportar seus valores, crenças e opiniões como verdades absolutas, não permitindo aos alunos a autonomia para desenvolver seu autoconhecimento. Não propiciando, desta forma, espaço para formação de opinião efetiva.

Segundo Maia, et al. (2006), muitos educadores possuem dificuldades em orientar seus alunos, tais como: por razões pessoais, falta de informações específicas voltadas na área da sexualidade e até mesmo por falta de orientação e de recursos metodológicos que ajude o professor a compreender e realizar uma orientação sexual adequada. Salienta-se que, a formação destes profissionais ao se trabalhar com a temática é de grande importância para que se possa evitar a mera passagem de conceitos pessoais, preconceitos ou ideias inadequadas. Para o autor deve-se reconhecer a importância de se falar sobre o assunto dentro das instituições e afirmar que os professores necessitam de cursos de extensão, palestras, formações para que se possa trabalhar com o tema, pois ao dialogar sobre sexualidade na Educação Infantil, permitir-se às crianças obter informações adequadas a respeito das questões que se referem ao seu momento de desenvolvimento e às questões que o espaço coloca ao indivíduo (NUNES, 2012).

Com bases nesses pressupostos que, Ciaffone e Gesser, (2014), através de estudantes de formação da psicologia realizaram oficinas com educadores de uma escola de educação infantil que solicitaram este trabalho por não se sentirem preparados

para lidar com as questões de gênero e sexualidade na infância. Ao término do estudo conclui-se sobre a importância de discussões sobre as temáticas com os educadores, no que tange à mudanças de ações frente às crianças permitimos que desenvolvam um espaço de livre expressão e gestualidade dos saberes e valores.

A criança que percebe que sua curiosidade é um ato positivo, reforça a certeza de que está tudo bem com ela e também aprende a contar com os adultos para compartilhar dúvidas e sentimentos. Uma criança que recebe orientação sexual, conforme Suplicy (1990), e que tem pais com quem possa conversar, tem maior possibilidade de assimilar os conceitos de responsabilidade pela própria saúde, higiene e bem estar.

Entende-se que os efeitos desse trabalho sejam de difícil mensuração e que um acompanhamento da implementação dos projetos construídos pelos educadores seria necessário, o que não foi possível. Verificou-se, entretanto, que ocorreu uma desestabilização dos conceitos relativos à sexualidade infantil, o que pôde abrir espaço para a apropriação de novos olhares que vão contribuir de diferentes formas para a construção de novas práticas relacionadas ao tema. (CIAFFONE; GESSER, 2014).

Ainda assim, trabalhos de observação do cotidiano e atividades escolares estão sendo frequentemente usados como atributos científicos. No decorrer dos artigos estudados observou-se que as crianças já possuíam uma noção pré-estabelecida de gênero e se subdividiam conforme os papéis a serem desempenhados enquanto grupo. Com relação às demonstrações de sexualidade, cada indivíduo interpretava e demonstrava a sua conforme sua cultura e bagagem familiar. Para fins de pesquisa opta-se por espaços onde a criança pareça estar mais livre e possa expressar-se com naturalidade. A exemplo, em dois dos estudos o espaço escolhido foi o recreio escolar.

Conforme relatos de Altmann; Mariano; Uchoga, (2012) e Wenez, (2012) a criança durante o recreio escolar é capaz de mostrar-se enquanto sujeito, mostrando seus valores de gênero e sexualidade, porém quanto maiores são as crianças mais influenciadas pelo meio e pela opinião dos colegas elas são, conforme afirmativa abaixo:

Foi possível perceber, também, que não só o docente exerce influência sobre as crianças, mas a escola, como um todo, estimulando agrupamentos, experiências e relacionamentos distintos entre crianças, através de palavras, atitudes e ideias que transmitem ou não a concepção de separação. Porém, se de fato as ações docentes, como têm demonstrado as pesquisas, influenciam meninos e meninas dentro dos espaços educativos, podemos dizer que a formação destes quanto às questões de gênero é importante para uma

intervenção de forma não desigual na prática pedagógica. (ALTMANN; MARIANO; UCHOGA, 2012 p.14).

Existe o chamado “mapa do recreio”, onde as crianças e adolescentes estão divididos pelo sexo, idade e interesses. Cada grupo passa a “pertencer” a um determinado local onde desenvolvem suas atividades sem preocupar-se com os demais grupos a sua volta.

Observei que o recreio é um espaço generificado e sexualizado. Nele, as crianças não são tão livres quanto poderíamos acreditar. Elas não brincam todas juntas, não fazem sempre o que querem, nem todas brincam em todos os espaços e, ainda, nem todas brincam do que gostariam. As brincadeiras são generificadas e sexualizadas e ocupam diferentes espaços no pátio. Tais espaços são disputados, negociados ou impostos. (WENETZ, 2012).

Na expressão de suas sexualidades, as crianças tendem a ser alvo de vigilância e ficam enquadrados como figuras desviantes do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos não condizentes com aqueles instituídos e normatizados pelo ambiente escolar. Desse modo, para ser considerado “normal”, o sujeito só teria duas opções: ser homem ou mulher, não restando nenhuma outra designação, da mesma forma que no campo da sexualidade, aqueles que não seguissem a matriz heterossexual, teriam um comportamento considerado desviante, sendo rotulados como homossexuais por não se relacionarem afetivamente ou sexualmente com o sexo oposto.

Observar ou mapear as construções sobre o gênero e a sexualidade entendidas como naturais para definir um jeito de ser menina e um jeito de ser menino permitem desnaturalizar as lógicas subjacentes sobre a construção de masculinidades e feminilidades no recreio, confrontando as representações culturais que, dentre outras coisas, dão sustentação ao nosso próprio fazer pedagógico no espaço escolar. Gostaríamos, ainda, de destacar que a escola não se constitui um lugar homogêneo e harmônico e esta investigação nos permitiu que isso fosse visualizado. Ela é uma instituição onde se disputam, se aceitam, se rejeitam e se impõem significados através de processos em que as crianças se encontram inseridas participando de negociações culturais ou imposições tanto ou mais complexas e até tão cruéis quanto os processos de que participam os adultos. (WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013).

As construções sociais vivenciadas no dia a dia são mimetizadas através dos jogos e das brincadeiras. As crianças aprendem a ser meninos e meninas de acordo com as exigências do ambiente em que se encontram.

Outrora, nos livros infantis, como discutido por Filha, (2014), as relações de gênero e sexualidade estão sempre atreladas a papéis sociais atribuídos aos sexos “a princesa” jovem, linda, meiga e indefesa e “o príncipe” viril, corajoso, forte e destemido. A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher, ou melhor, as diferenças anatômicas de se nascer

macho ou fêmea. Sexo é atributo biológico, enquanto gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero, portanto, aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino (BRAGA, 2007 *apud* BRAGA 2010, p.206).

Com relação aos livros para a infância, eles também instigam a reflexão da criança a partir daquilo que “se” considera correto para a sexualidade e para o gênero nesse período da vida. Observamos que pouquíssimos livros têm a participação efetiva das crianças em seus textos e ilustrações, ao contrário, possuem linguagens e preceitos adultos, fazendo com que a obra se mantenha sob a tutela dos discursos adultos. (FILHA, 2014).

Os livros infantis, ora usados como atributos metodológicos, criam estereótipos de gênero, atribuindo funções, comportamentos e sentimentos característicos a cada sexo, influenciando seus leitores por onde quer que estejam.

Já em relação ao momento das brincadeiras livres em espaços externos ou internos, tratam-se realmente, de oportunidades privilegiadas em que as crianças podem vivenciar experiências inovadoras, explorar o proibido, tecer hipóteses sobre as coisas e, paulatinamente, afirmar sua identidade através das interações com a cultura da sociedade.

As brincadeiras estratificadas através dos sexos, como discute Ribeiro, (2006), culturalmente houve a construção de padrões de comportamento de meninas e meninos, esses papéis específicos em função de cada gênero, são reproduzidos nas brincadeiras, pois, muitos são os discursos que permeiam no âmbito escolar, revelando que as meninas devem brincar de bonecas, casinha, utensílios domésticos e outros brinquedos em espaços mais fechados e tranquilos. Em controversa, os meninos devem brincar de carrinho, bola, armas e outros elementos lúdicos, em espaços mais livres. As crianças, ao evidenciarem comportamentos não considerados “certos” ao seu gênero, são reprimidas e rotuladas, porque há compreensão dos aprendizados ideológicos como algo pré-determinado e próprio da natureza da criança, consistindo, então, a escola em um espaço de repressão contra os comportamentos que contradizem o natural.

É possível entender que através das brincadeiras se processa uma aprendizagem não formal e não intencional, a partir da qual as crianças apreendem e reproduzem determinadas formas de feminilidade e de masculinidade que caracterizam sua identidade biológica e social.

Entre as próprias crianças, portanto, ser homem e ser mulher está relacionado não somente com o aparato anatômico fisiológico, mas com concepções sociais, muitas aprendidas na família e no sistema das relações em que vivem. A categoria homem e mulher, neste caso, menino e menina, envolve atributos sociais e simbólicos, como poder fazer certas coisas, exercer

legitimamente a sexualidade, assumir comportamentos dentro de uma determinada ordem. (RIBEIRO, 2006 p.24).

Para tanto, os sete trabalhos estudados convergem em um mesmo ponto. onde os estereótipos de gênero existem e estão presentes desde o âmbito familiar até o meio escolar. Os adultos, assim como as crianças não se eximem de suas crenças e valores quando estão em grupo e desta forma propagam culturas de gênero por onde passam. Já a sexualidade ainda é pouco discutida e seu significado está atrelado a uma série de tabus e preconceitos, permanecendo ainda, desconhecida sua real magnitude aos olhos da maioria.

Ainda durante a presente revisão, foi possível identificar que a grande maioria dos artigos que tratam sobre sexualidade definem como público alvo os adolescentes. Os alunos da educação infantil, ainda que, pertençam a uma fase da vida que também é impregnada por descobertas, se não as mais importantes para a construção moral, cultural e educacional de toda a vida, parecem permanecer como seres assexuados aos olhos dos pesquisadores.

Outra característica importante identificada através da construção deste estudo foi perceber que na área de atuação da enfermagem voltada à sexualidade na educação infantil, constava apenas um artigo publicado na última década nas bases de dados LILACS E SCIELO. Vide o gráfico abaixo onde os artigos estudados estão agrupados por área de atuação das respectivas autoras.

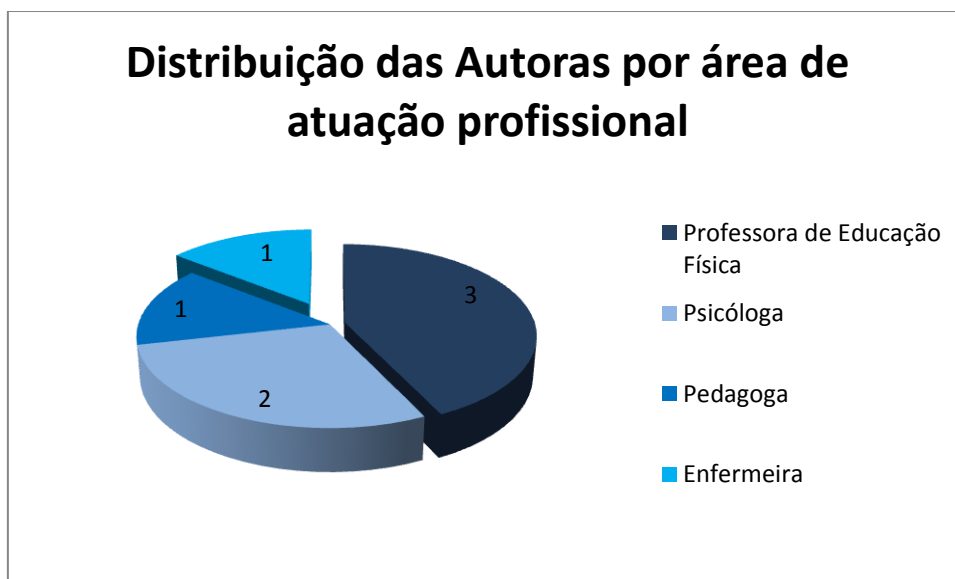


Gráfico 4- Distribuição das autoras por área de atuação profissional.

Fonte: LILACS e SCIELO – 2015.

Assim encerro a discussão deste estudo com a percepção de que novos estudos sobre sexualidade e gênero que destaquem como público alvo os alunos da educação infantil, fazem-se necessários para fundamentar futuras discussões a cerca da temática. Deixo como legado desta pesquisa, a sugestão de novas investigações por parte dos enfermeiros referentes ao tema, já que, nossa profissão a cima de tudo estuda o ser humano como um todo em suas diferentes fases da vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo é a ferramenta básica e essencial no processo de educar crianças para a sexualidade e questões de gênero. Há crianças que perguntam muito, outras nada interrogam, porém, todas necessitam de um ambiente encorajador para aprender a questionar e esclarecer suas dúvidas. Sendo assim, a escola precisa reassumir o trabalho de educação sexual, mas não para repreendê-la, ou impregnar a mente das crianças de preconceitos e tabus preestabelecidos pelos adultos, e sim estimular a mudança de visões distorcidas ou negadas sobre a sexualidade, sem, contudo, substituir o papel da família, porque a criança não chega à escola sem qualquer conhecimento sobre sexualidade, o primeiro contato com esta temática ocorre dentro do meio familiar.

Este processo de Educação Sexual ocorre durante toda a vida do indivíduo, desde o seu nascimento até a idade adulta. Fazem parte desta construção todas as pessoas que convivem com a criança: pais, parentes, professores, e inclusive a mídia. Por isso a sexualidade precisa e deve ser entendida como parte da vida e inseparável do ser humano, e assim como todas as outras necessidades básicas, deve ser tratada com continuidade, respeitando-se as fases e os ritmos diferentes próprios de cada indivíduo. Todavia, a escola ainda como um subgrupo social, enquadra e normaliza as crianças dentro de padrões, reproduzindo dicotomias e políticas da verdade entre certo/ errado, normal/anormal, verdadeiro/falso, natural/antinatural. Destaca-se que a produção de análises acerca das questões relativas a gênero, corpos e sexualidade que estão sendo trabalhadas na educação infantil ainda possuem muitas lacunas a serem preenchidas, sendo necessário, desta forma, subsidiar ações e práticas educativas que promovam uma educação não sexista aos educadores e cuidadores das creches e Escolas de Educação Infantil.

Conclui-se que através de diferentes formas de intervenção os docentes podem estimular ou não a segregação de meninos e meninas no espaço escolar. Contudo a escola, como um todo, também estimula agrupamentos, experiências e relacionamentos distintos entre crianças, através de palavras, atitudes e ideias que transmitem ou não a concepção de separação. Porém, se de fato as ações docentes, como têm demonstrado as

pesquisas, influenciam meninos e meninas dentro dos espaços educativos, podemos dizer que a formação destes quanto às questões de gênero é importante para uma intervenção de forma não desigual na prática pedagógica.

Por fim, evidenciou-se, de modo velado ou não, estereótipos de gênero, heteronormativos, imbuídos de valores diferentes aos sexos assumidos como verdadeiros, e, de uma sexualidade caracterizada pelo padrão da heterossexualidade, marcada por normas e regras de comportamentos.

Ressalta-se a importância de serem realizadas novas pesquisas, pelos profissionais da enfermagem, a cerca das temáticas gênero e sexualidade, pois estudar, entender e propiciar conhecimentos das diferentes fases da vida é um compromisso que temos como profissionais preocupados com o educar em saúde no que tange o Eixo temático- Orientação sexual de escolares, já, na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Chrysthyanelle. **A importância da enfermagem na orientação sexual de adolescentes no ambiente escolar**. MT. 2012.

ALTIMAN, Helena; MARIANO, Marina; UCHOGA, Lisiane. **Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero da Educação Infantil**. Rev. Pensar a Prática, Goiânia, v. 15, 2012.

BARROS, Odívia. **Segredo segredíssimo**. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **Educação Sexual e sexualidade: o velado e o aparente**. Disponível em www.geocites.com/athens/ithec/9565/tese/indicee.html Acesso em junho de 2015.

BRAGA, Eliane Rose Maio. **Gênero, sexualidade e educação: questões pertinentes à Pedagogia**. 2010.

BRAGA, Eliane Rose Maio; SPIRITO, Carmem Alcaide. **Una investigación sobre la importancia de la educación afectivo-sexual en las escuelas**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 2010.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de ensino fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde e prevenção nas escolas: guia para formação de profissionais da saúde e de educação**. Brasília: Editora Ministério da Saúde, 2006.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2004.

CAMARGO, Ana Maria F. e RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade e infância: a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

CHAGAS, E. R. C. **A Sexualidade e a Criança**. Revista do Professor, Porto Alegre, 1995.

CIAFFONE & GESSER, **Integração Saúde e Educação: Contribuições da Psicologia para a Formação de Educadores de uma Creche em Sexualidade Infantil**. Rev. Psicologia, Ciência e Profissão, 2014.

COSTA, F.C.; PRADO, E.R.L.A. **O papel do enfermeiro na orientação sexual de adolescentes no ambiente escolar**. Rev. Enfermagem UNISA, Santo Amaro – BA, v.2, 2001.

FILHA, Constantina Xavier **Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância**. Rev. Educar em Revista, Curitiba, 2014.

FIORI, Wagner da Rocha. **Teorias do Desenvolvimento: Conceitos fundamentais: modelo psicanalítico**. São Paulo. Cortez, 2003.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. Rio de Janeiro 2006.

GOELLNER, Silvana. **A produção cultural do corpo**. In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Vozes, 2003.

GOMES, V.L de Oliveira. **A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em creches**. 2008.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas, 1995.

LENAIN, Thierry. **Ceci tem pipi?** Tradução de: JAHN, Heloisa. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2004.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação** – uma abordagem pós-estruturalista. Petrópolis, Vozes. 1997

MAIA, A. C. B. et al. **Orientação sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil**. Mínesis, Bauru, v. 27, 2006.

MEYER, Dagmar. **Cultura teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul: articulando gênero com raça, classe, nação e religião**. Revista Educação e realidade, vol. 25, 2000.

MEYER, Dagmar. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Vozes. 2003.

MEYER, Dagmar. **Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens**. Ed. Mediação. Porto Alegre. 2013.

MULLER, L. **Educação sexual em 8 lições: como orientar da infância a adolescência: um guia para professores e pais**. São Paulo: Academia do Livro, 2013.

NUNES, J. L. **Oficina de capacitação: espaços para discussão sobre sexualidade e gênero**. Monografia (Curso de Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (2012). www.portal.saude.gov.br/saude
Acesso em junho de 2015.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. **Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças**. Rev. Cadernos pagu, 2006.

RIBEIRO, C. M. **Gênero e Sexualidade no cuidar e educar**. Revista Pátio Educação Infantil. Porto Alegre, v. 4. 2008.

RIBEIRO, M. **Conversando com seu filho sobre sexo**. São Paulo: Academia de Inteligência, 2009.

SAYÃO, R. **Saber o sexo?** Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J.G. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Sannus, 1997.

SANTOS, Marluce Alves dos. **Orientação Sexual no 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental:** uma realidade distante? Centro de Ensino Superior do Seridó. Caicó – RN, 2001.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade, vol.20. Porto Alegre. 1995.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. Rio de Janeiro, Vozes, 1983.

SUPLICY, M. **Papai. Mamãe e Eu**. São Paulo, FTD. 1990.

WENETZ, Ileana. **Gênero, Corpo e Sexualidade:** Negociações nas brincadeiras do pátio escolar. Cad. Cedes, Campinas, vol. 32. 2012.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marcos Paulo; MEYER, Dagmar Estermann. **As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar**. Rev. Bras. Educação Física Esporte, São Paulo. 2013.

WHITTEMORE R, KNALF K. **The integrative review: update methodology**. J Adv Nurs. 2005

YERED, Y.B. **A educação sexual na escola:** tensões e prazeres na prática pedagógica de professores de ciências e biologia. Dissertação de Mestrado, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, Santa Catarina. 2011.

APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados da amostra.

| | |
|-------------------------------------|------------------------------|
| 1. Identificação do Artigo | |
| <u>Título:</u> | <u>Autores:</u> |
| <u>Ano de Publicação:</u> | <u>Descritores:</u> |
| 2. Objetivos | |
| 3. Metodologia | |
| <u>Abordagem:</u> | <u>Estudo:</u> |
| <u>Local:</u> | <u>Participantes:</u> |
| <u>Procedimentos éticos:</u> | |
| 4. Resultados | |
| 5. Conclusão do Estudo | |